

MONICA CRISTINA GANDOLFO ^{R. 1533}

este exemplar e a redação final da tese
defendida por Mônica Cristina
Gandolfo

e aprovada pela Comissão Julgadora em
21, 12, 94

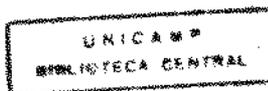
Maria Irma Hadler Coudry
PROFA. DRA. MARIA IRMA HADLER COUDRY

**SINDROME FRONTAL (LEVE)
OU AFASIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA
um estudo de caso**

Dissertação apresentada ao Departamento
de Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry ^{R.}

1994



A Gil, Pedro e Ana, pelo muito que são em minha vida.

A meus pais, que tanto me apoiaram durante todos esses anos.

Agradecimentos

Agradeço em especial à Maza, tanto por ter orientado meu trabalho e corrigido grande parte dos erros que cometi nas versões anteriores, como pelas várias conversas que tivemos e que mudaram substancialmente a minha maneira de pensar. A Wanderley Geraldi, Maria Beatriz G. Bandini, Esther P. Soares, Camila Gonçalves que têm mais responsabilidade que imaginam por tudo isto que aí está.

Agradeço, sobretudo a R, com quem foi possível manter uma convivência afetiva e pessoal, rica de experiências recíprocas, durante o período de trabalho clínico.

Este trabalho foi possível graças à colaboração recebida das instituições:
Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq) e do Fundo de Apoio ao Ensino e a Pesquisa (FAEP).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estudar um caso de Síndrome Frontal (leve) do o ponto de vista linguístico. Ou seja, levantar os sintomas linguísticos concernentes a esta síndrome, abrindo a possibilidade de argumentar em favor de uma afasia semântico-pragmática. A Síndrome Frontal sempre foi concebida pela literatura como uma síndrome que altera, principalmente, o comportamento.

A definição de afasia que utilizamos - "Afasia é uma perturbação no **processo de significação** em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros" (Coudry e Possenti, 1993) - baseia-se numa teoria de linguagem orientada discursivamente, ou seja, uma teoria em que os processos de significação dependem de uma série de fatores para serem determinados, tais como, dos interlocutores em questão, das implicaturas contidas nos enunciados, do que neles está pressuposto e/ou subentendido, do que pode ou não ser dito, do modo como os interlocutores organizam o dizer, etc.

A concepção de linguagem, entendendo aqui como ação, como processos criadores e constitutivos, que organizam a experiência pode mudar a visão que se tem sobre a patologia e sobre os fatores linguísticos nela envolvidos, diferenciando-a dos problemas comportamentais como sugere a literatura neurolinguística tradicional. Para isto, utilizei-me de uma teoria de linguagem orientada discursivamente como propõe Franchi (1976); Maingueneau, (1987); Possenti (1986/87); Geraldi (1990/91); Coudry (1986/88). Portanto, este trabalho investiga, por meio de análise linguístico-cognitiva, os processos de significação alterados em pacientes cérebro lesados, e a maneira pela qual, ajudados pela avaliação e intervenção terapêutica, podem superar estas dificuldades.

ABSTRACT

The objective of this work is to study a Frontal Syndrome case (a light one) from the linguistic point of view. That means, raise the linguistic symptoms concerning this syndrome, giving the possibility of arguing in favor of a semantic-pragmatic aphasia. The Frontal Syndrome has always been conceived as one syndrome that alters mainly the behavior, by the existing literature.

The aphasia definition we use is: "Aphasia is a disturbance on the significance process where there are changes on one of the linguistic levels, with effect on others" (Coudry and Possenti, 1993). It is based on a language theory discursively oriented, that is, a theory where the significance processes depend on several factors to be determined, as the interlocutor speaking, the ideas contained on the titles, on what is presupposed or implicit on them, on what can or cannot be said, on how the interlocutors organize their speech.

The language concept, understood here as action, as creative and constitutive processes, which organize the experiences could change the view we have about the pathology and about linguistic factors involved, which make it different from the behavior problems as the traditional neurolinguistic literature. To achieve that, I make use of a language theory discursively oriented as proposes Franchi (1976); Possenti (1986/87); Geraidi (1990/91); Coudry(1986/88).

Therefore, this work investigates through the linguistic cognitive analysis, the significance process altered in patients with damaged brains, and the way with which they could overcome those difficulties, helped by therapeutic evaluation and intervention.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
1-AS CONCEPÇÕES DE CÉREBRO E A CLASSIFICAÇÃO DAS AFASIAS:	
1.1Concepções localizacionistas.....	7
1.2-A concepção de cérebro segundo Goldstein.....	9
1.3-Organização cerebral segundo Luria.....	10
1.4-As interpretações linguísticas de Jakobson para os seis tipos de afasias.....	16
1.5-Função do lobo frontal segundo as concepções de Goldstein e Luria.....	21
2-PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM	
2.1-Avaliação Neurológica e Avaliação Neuropsicológica.....	29
2.2-Avaliação Neuropsicológica - as baterias de testes.....	30
2.3-Teste padrão avaliativo "Diagnóstico Neuropsicológico de Luria".....	31
2.4-O caso R: uma proposta Neurolinguística de avaliação e programação para intervenção terapêutica.....	33
2.5-Avaliação luriana do caso R: resultados e comentários.....	37
3-PARA UMA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVAMENTE ORIENTADA	
3.1-Bases teóricas.....	53
3.1.1-Introdução.....	53

3.1.2-O processo da construção da significação.....	56
3.1.3-A construção do discurso e dos lugares de enunciação.....	60
3.2-Procedimentos de Avaliação Neuropsicológica.....	64
3.2.1-Avaliação por princípios protocolares.....	64
3.2.2-Princípios protocolares.....	65
3.2.3-Três tipos de configuração textual.....	67
4-ANÁLISE DE DADOS.....	74
5-CONCLUSÃO.....	110
6-BIBLIOGRAFIA.....	118
7-ANEXOS.....	122

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é estudar um caso de Síndrome Frontal Leve.(SFL). Desde os autores clássicos até os contemporâneos, a SF sempre foi concebida como uma síndrome que altera, principalmente, o comportamento. O interesse neste trabalho se deu pelos sintomas linguísticos concernentes ao nível pragmático, abrindo a possibilidade de argumentar em favor de uma afasia semântico-pragmática, ou, ainda, manter a entidade nosológica SF, sem descartar os sintomas linguísticos. O que é crucial para esta tese que defendo, é que ambas as possibilidades incorporam os aspectos linguísticos afetados no conjunto de sintomas que caracterizam o quadro da SF.

A partir das análises do sujeito R , foram observadas alterações no nível pragmático da linguagem, ou seja, no uso social que se faz da linguagem. Para uma maior compreensão sobre o que venha ser Síndrome Frontal Leve e no que esta difere de uma Afasia, tomaremos a definição de afasia dada por Coudry, que adotamos neste trabalho:

" A afasia se caracteriza por **alterações de processo de significação** de origem articulatória e discursiva (nesta incluindo aspectos gramaticais) produzida por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, podendo se associarem a alterações de outros processos cognitivos (apraxias, agnosias, acalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e de interpretação", (Coudry,1992:168).

"Dizemos que um sujeito está afásico quando **lhe faltam recursos expressivos e interpretativos da linguagem, sejam eles relativos ao sistema linguístico, sejam relativos aos processos discursivos que se desenvolvem sobre este próprio sistema. A afasia é uma perturbação no processo de significação em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros.**" (Coudry e Possenti, 1993:50)

A partir desta definição, que mudança classificatória teríamos, ao revisitarmos o conjunto de sintomas linguísticos que vão compondo os diferentes tipos de afasia? Não é objetivo deste trabalho fazer uma revisão semiológica do conjunto das afasias, mas abrir uma discussão concernente aos sintomas linguísticos encontrados no caso da SFL em estudo, argumentando em favor de uma afasia pragmática ou semântico-pragmática, dado que, inicialmente, o nível pragmático da linguagem se apresentava alterado, mas, longitudinalmente, afecções semânticas foram observadas. Esta definição de afasia baseia-se numa teoria de linguagem orientada discursivamente, ou seja, uma teoria em que os processos de significação dependem de uma série de fatores para serem determinados, tais como, dos interlocutores em questão, das implicaturas contidas nos enunciados, do que neles está pressuposto e/ou subentendido, do que pode ou não ser dito, do modo como os interlocutores organizam o dizer, etc. No caso de uma Neurolinguística que assume esta concepção de linguagem, e para a qual este trabalho é uma contribuição, é fundamental investigar, por meio de análise linguístico-cognitiva, os processos de significação alterados em pacientes cérebro-lesados, e a maneira pela qual, ajudados pela avaliação e intervenção terapêutica, podem superar estas dificuldades.

No primeiro capítulo resenharemos alguns autores que estudam o cérebro segundo uma concepção localizacionista, tais como Broca e Wernicke. Veremos que foi a partir de K. Goldstein que se passou a ter uma visão holística de cérebro. Tal abordagem concebe o cérebro como um todo indivisível, diferentemente da teoria localizacionista. De acordo com uma avaliação neuropsicológica, mais especificamente, com a proposta neuropsicológica soviética representada por Luria, o cérebro possui uma organização dinâmica, compreendendo um sistema funcional. É através das características dos transtornos em alguma região dos sistema funcional

que a avaliação neuropsicológica indica qual a região cortical danificada. Foi desse ramo da Neuropsicologia que nasceu a Neurolinguística a partir do que Lúria incorporou a ciência Linguística em seus estudos. Por várias razões, que não cabe discutir aqui, Lúria vinculou-se à Linguística de tradição estruturalista. As consequências desta tomada de posição teórica, no que tange à SF, serão analisadas no capítulo IV.

Ainda neste mesmo capítulo, resenharemos alguns autores que estudaram a Síndrome Frontal como entidade nosológica. Serão vistos, também, os sintomas linguísticos descritos por Jakobson para as seis classificações lúrianas das afasias, verificando-se qual a teoria linguística utilizada para se fazer esta descrição e classificação. Veremos que a Síndrome Frontal, justamente por não ser considerada uma afasia, apresenta alterações que dizem respeito, segundo uma certa linguística, à conduta do sujeito. Contrapondo a concepção da linguagem assumida neste trabalho àquela utilizada pela Neurolinguística tradicional, iremos mostrar, a partir da análise de dados, que R apresenta alterações linguísticas que dizem respeito ao nível pragmático da linguagem, o que motivaria a interpretação de seu quadro, mais especificamente, como o de uma afasia que afeta o nível semântico/pragmático da linguagem.

O tema principal do segundo capítulo concerne às avaliações por que passam sujeitos cérebro-lesados. Elas requerem por envolver conhecimentos multidisciplinares, avaliações em diferentes áreas, como a Neurologia, a Neuropsicologia e a Fonoaudiologia. Cada avaliação apresenta um resultado específico, decorrente do que cada campo de conhecimento define como seu objeto de estudo. Vamos ter a oportunidade de ver, por exemplo, que os métodos utilizados na **Neurologia clássica** pelos localizacionistas tornaram-se deficitários, porque não abrangiam as formas mais complexas da atividade mental. Teremos, assim, a oportunidade de ver, na aplicação do "Exame Neuropsicológico de Lúria", que, mudando o ponto de vista, ou melhor,

assumindo uma outra teoria de linguagem, diferente daquela utilizada na testagem, muda-se a maneira de olhar os fatos; ou ainda, outros fatos de linguagem aparecem como sintomas.

Ao terceiro capítulo caberá a apresentação do quadro teórico em que se baseia a avaliação de linguagem, o seguimento terapêutico e a análise Neurolinguística de dados selecionados para discutir o caso em questão. Tendo em vista a teoria adotada neste trabalho, discutiremos as avaliações baseadas em princípios protocolares, as configurações textuais destes princípios e o diagnóstico extraído do protocolo avaliativo. Teremos a oportunidade de ver que este diagnóstico difere, em alguns pontos, do tradicionalmente feito através de testes.

No quarto capítulo, serão analisadas nove sessões terapêuticas realizadas durante o período de agosto de 91 à dezembro de 92, onde se constata alterações linguísticas, que serão analisadas com base na concepção de linguagem adotada neste trabalho. Veremos que ao mudar o ponto de vista, isto é, assumindo uma concepção de linguagem como atividade constitutiva (Franchi, 1976), em que os interlocutores trabalham conjuntamente no processo de construção da significação, o que usualmente é, em outro quadro teórico, interpretado como um problema relativo ao comportamento verbal, pode ter uma interpretação linguística mais precisa.

1- AS CONCEPÇÕES DE CÉREBRO E A CLASSIFICAÇÃO DAS AFASIAS

1.1. CONCEPÇÕES LOCALIZACIONISTAS:

O objetivo deste capítulo é fazer um percurso através de diferentes teorias sobre o funcionamento de cérebro, retomando autores clássicos e contemporâneos, do ponto de vista das diferentes classificações das afasias que, em decorrência das diferentes concepções de cérebro e de linguagem, se produziam. No interior deste quadro geral, procuraremos destacar também o modo como Goldstein e Luria conceberam a diferenciação entre a Síndrome Frontal, enquanto uma entidade nosológica, das afasias que também se localizam no lobo frontal.

Tradicionalmente, as afasias eram classificadas apenas em duas formas: a afasia de Broca ou afasia de expressão, tendo como origem lesões no lobo frontal, e a afasia de Wernicke ou de recepção, causada por lesões no lobo temporal ou têmporo-parietal. Estes dois tipos de afasias configuram, então, dois polos: perturbação articulatória (Broca, 1861) e perturbação sensorial (Wernicke, 1873).

Broca concebia a existência de uma faculdade da linguagem articulada e, através de seus estudos, chegou à conclusão de que a zona cerebral onde se localizava esta faculdade era a terceira circunvolução frontal esquerda, região que ficou sendo conhecida como área de Broca. Tal região, segundo Broca, seria independente da inteligência, pois em seus estudos constatava que grande número de dementes possuíam linguagem articulada enquanto outros indivíduos perdiam a linguagem articulada sem terem perdido outras aptidões intelectuais.

Já Wernicke, baseando-se nos fundamentos anátomo-fisiológicos do sistema de Myerte, que concebia dois grupos de fibras - as de projeção e as de associação - argumentava que a parte anterior do cérebro é responsável pela função motora, enquanto que a posterior é responsável pela função sensorial. No entanto, para Wernicke, "as faculdades mentais não são propriedades de regiões localizadas no cérebro, mas são construídas a partir da relação de diferentes regiões. O que, então,

haveria registrado a nível cerebral nessas regiões primeiras, que fazem conexão entre si, resultando nas funções mentais superiores? Wernicke postula a existência de "imagens", (Vieira, 1992:35).

Para Wernicke, o cérebro é composto por dois tipos de imagens, as sensoriais e as motoras e, a partir dessa distinção, propôs a classificação de afasias:

1) **surdez central ou surdo-mudez:** as impressões sensoriais captadas pelo órgão periférico não atingem a região de projeção no cérebro .

2) **afasia sensorial:** dificuldade/incapacidade de repetição; dificuldade/incapacidade de compreensão da linguagem oral; os pacientes não têm percepção dos erros quando falam, apresentam fala confusa; possuem vocabulário tenso, porém não sabem adequar o seu uso; podem ou não apresentar alterações de leitura.

3) **afasia de condução:** dificuldade no uso das palavras (parafasias), sendo a fala hesitante e de grande esforço para conseguir se expressar. O sujeito tem a compreensão preservada; apresenta agrafia, mas não para cópias de letras.

4) **afasia motora:** a dificuldade está em poder se expressar motoramente, ainda que o significado esteja preservado.

Dentre estes quatro tipos diferentes de conjuntos de sintomas afásicos descritos por Wernicke, os que mais se assemelhavam aos apresentados pelo paciente R, no estudo de caso que desenvolvemos, são alguns descritos na afasia sensorial (apresentam fala confusa e não sabem adequar o uso desta fala). No entanto, a localização de sua lesão (parte anterior do cérebro), está em contradição com o pressuposto do vínculo entre os sintomas e a região cerebral de localização da lesão, tornando-se inclassificável, segundo a concepção de Wernicke.

É interessante observar que Wernicke considerava o quadro patológico da afasia sensorial muito frequentemente encontrado. No entanto, durante muito tempo esse

quadro foi descrito como perturbação da inteligência, confusão mental e foi interpretado como um quadro típico de doenças psíquicas. Muitas vezes este tipo de afasia foi descrito por estudiosos, como Liepman e Bastian, como sendo uma síndrome. (Vieira, 1992)

Essa "saída" descritiva parece acontecer, também, como veremos, com a Síndrome Frontal. Por não se saber como dar conta de certas alterações, que hoje podemos interpretar como sendo do âmbito da linguagem, certo conjunto de sintomas foi considerado como uma Síndrome.

A partir dos estudos de Wernicke, começaram a se distinguir diversas formas clínicas de afasia, exatamente porque se observava uma função simbólica "tropeçando eletivamente num de seus pontos de aplicação, sem que por isso sejam preservados os outros", (Paulus, 1975:145). Mas foi através de Goldstein e, posteriormente, de Luria, que se deu a mudança quanto à concepção de funcionamento cerebral. Abandona-se, então, a concepção modularista de cérebro, em que cada região trabalhava independentemente das outras, em favor de uma concepção dinâmica do funcionamento cerebral, em que o funcionamento das atividades mentais é resultado do trabalho conjunto das diferentes regiões.

1.2. A CONCEPÇÃO DE CÉREBRO SEGUNDO GOLDSTEIN

Para Goldstein, o cérebro envolve um conjunto de funções mentais. Estas funções mentais são concebidas com base na Teoria Gestáltica, a partir da qual áreas corticais estimuladas durante uma determinada atividade atuam de acordo com a relação "figura-fundo". Quando a área de maior concentração de energia está localizada em uma determinada região do córtex, esta é a figura, sendo o fundo o restante do córtex. Por esta razão, os sintomas afásicos se diferenciam, para

Goldstein, segundo a relação entre a localização da lesão e seus efeitos. Tem-se, então:

1) **sintoma direto**: a lesão em uma determinada área do cérebro acarreta a perda ou a alteração de uma atividade cortical.

2) **sintoma indireto**: a lesão em uma determinada área repercutirá no funcionamento cerebral como um todo.

3) **sintomas secundários**: são os efeitos que o processo patológico causa nas demais áreas do sistema nervoso.

4) **sintomas de projeção**: são as alterações do comportamento geral do paciente: labilidade de humor, atenção, maneira de agir, manifestação ou não de interesse, etc.

Embora, para Goldstein, o cérebro seja concebido, do ponto de vista das funções mentais, como um todo indivisível, o que se nota é que, em suas apresentações de casos clínicos, a localização parece ser de extrema importância para a descrição do caso, sobretudo no que diz respeito àquelas regiões identificadas como sendo as áreas de Broca e as de Wernicke. Na verdade, embora Goldstein não postule a localização das funções mentais, postula, entretanto, a localização dos sintomas decorrentes da lesão.

1.3 A ORGANIZAÇÃO CEREBRAL SEGUNDO LURIA.

Na concepção de cérebro proposta por Luria os conceitos de função, de sintomas e dos princípios básicos que regem estes sintomas passam por uma grande revisão.

Luria diferencia a noção de função em dois sentidos: amplo e restrito. No sentido amplo, corresponde ao trabalho de um conjunto de estruturas, que agem de maneira

simultânea e harmônica para um objetivo comum, como ocorre, por exemplo, com a função respiratória ou a função digestiva. Cada estrutura, então, contribui com a sua especificidade para o todo. No sentido restrito, corresponde ao trabalho de uma estrutura para a sua realização específica, como, por exemplo, a secreção da bilis pelo fígado.

Ora, se existe uma função que rege um conjunto de estruturas para alcançar um objetivo comum, então ela deve ser entendida como um **sistema funcional**. Este conceito de **sistema funcional** foi introduzido por Anokhin (1935), porém é Lúria quem o torna produtivo na teoria do funcionamento dinâmico do cérebro que desenvolveu: o cérebro, trabalhando harmonicamente através do conjunto de zonas, contribui para a realização das atividades mentais.

"... toda actividad mental humana es un sistema funcional complejo que se efectúa a través de la combinación de estructuras cerebrales que trabajan concertadamente, cada una de las cuales aporta su propia contribución al sistema funcional como todo. Esto significa, en la práctica, que el sistema funcional como un todo puede ser alterado por la lesión de un gran número de zonas y también que puede ser alterada distintamente en lesiones de diferentes localizaciones", (Lúria, 1974/1984:38).

Outra grande contribuição de Lúria foi assumir a concepção da ontogenia das atividades mentais como histórica e social. Por basear-se nos postulados vygotskyanos, Lúria entende que os sistemas funcionais que integram os processos mentais são, também, construídos ao longo do desenvolvimento da criança, e são produto de formas sociais complexas de tais processos. (Lúria, 1985:14)

Assim, a organização cerebral que se dá através dos sintomas funcionais possibilita uma atividade cortical dinâmica, que é coordenada tanto no plano biológico, como no plano linguístico-cognitivo, e ambos se constituem histórica e socialmente.

Para Luria, então, o córtex possui as suas especificidades que, por sua vez, participam da atividade conjugada do cérebro. "Desta forma, a questão da localização de uma função em alguma região cerebral se torna mais complexa ainda, pois, além de ter que dar conta de analisar e de identificar as estruturas componentes do sistema funcional, deve levar em consideração que esta localização é dinâmica, isto é, ao longo do desenvolvimento a estrutura funcional se modifica".(Vieira,1992:84)

A teoria localizacionista estudava a localização das funções mentais do córtex através da análise de casos clínicos, pela descrição dos sintomas e pela sua delimitação em termos de uma determinada área lesada. Portanto, fazia-se uma correlação direta entre a área lesada e sua função no córtex: pelo sintoma, chega-se à área lesada, e pela área, chega-se a sua função. Tal teoria localizacionista interpretava o sintoma como perda da função. No entanto, de acordo com a nova concepção de sistema funcional, a função, por não estar localizada em uma área determinada - pois é o produto de várias estruturas cerebrais - atua, simultaneamente, na realização de cada função mental superior. Portanto, uma lesão em uma determinada região, ou em alguma dessas estruturas, levará ao desequilíbrio de toda a dinâmica do funcionamento cerebral, ou, nos termos de Luria, do sistema funcional.

" Si la actividad mental es un sistema funcional complejo, que supone la participación de un grupo de áreas del cortex que trabajan concertadamente (y algunas veces, áreas del cérebro my distantes), una lesion de cada una de estas zonas o áreas puede conducir a la desintegración de todo el sistema funcional, y de este modo el síntoma o pérdida de una función particular no dice nada sobre su "localización"", (Luria,1974:34).

Luria propõe uma organização funcional do cérebro em três unidades básicas, cuja participação conjugada é necessária para todo o tipo de atividade mental:

A) a primeira unidade é responsável pela regulação do tônus cortical, fundamental para manter o estado de vigília.

B) a segunda unidade é responsável pela obtenção, processamento e conservação da informação que chega do meio exterior.

C) a terceira unidade é responsável pela programação, regulação e verificação da atividade mental.

Cada uma dessas unidades funcionais contém seus substratos orgânicos que atuam como analisadores. Assim, para a primeira unidade funcional básica, a estrutura que desempenha um substrato orgânico é o tronco cerebral, que através da formação reticular (ascendente e descendente), assegura o tônus cortical necessário. A segunda unidade funcional básica tem no sistema perceptivo o substrato orgânico dos analisadores, que por sua vez, vão atuar em três regiões corticais: analisador auditivo, situado na região temporal; analisador tátil-cinestésico, situado na região parietal; analisador visual, situado na região occipital. A terceira unidade funcional básica, responsável pela programação, regulação e controle de uma dada atividade, tem como substrato orgânico, particularmente, os lobos frontais.

É importante lembrar que estas três unidades se organizam hierarquicamente em todos os lobos, porém, é no lobo frontal que tanto a primeira unidade como a terceira mantêm uma estreita ligação, assegurando, assim, um tônus cortical ótimo nas atividades programadas pela terceira unidade funcional básica.

A partir deste quadro, Luria descreveu seis tipos de afasias, que descreveremos a seguir:

1)afasia motora eferente ou cinética: São afecções dos setores inferiores da zona pré-motora do hemisfério esquerdo. Esta afasia acarreta alterações dos movimentos voluntários, onde o sujeito tende a perseverar movimentos, já que não existe a inibição dos movimentos de uma sequência sonora, para que haja excitação da próxima. A estrutura prosódica, neste caso, está prejudicada; não consegue repetir palavras ou mesmo denominar objetos. Esta afasia motora é considerada por Luria como correspondente a afasia motora de Broca.

2)afasia motora aferente ou cinestésica: São afecções que atingem os setores pós-central da zona verbal. O que se nota nesta afasia é uma apraxia específica do aparelho verbal(Luria,1986). O portador desta afasia apresenta uma imprecisão dos movimentos devido a uma perda da sensação para com estes movimentos,porém, encontrando a posição articulatória correta, o sujeito consegue articular.

3)afasia dinâmica: Esta afasia é o resultado de lesões nos setores anteriores das zonas verbais do hemisfério esquerdo. Existe, por parte do sujeito, uma perda de iniciativa. Em resumo "estes enfermos não apresentam nenhuma dificuldade de articulação, repetem com facilidade palavras ou frases isoladas, não têm dificuldade para nomear objetos e série de objetos, não produzem fenômeno de perseveração ou de emergência incontroladas de enlaces secundários, característicos dos enfermos com afecções da zona pré-frontal. A observação inicial pode não detectar neles nenhuma desordem verbal. No entanto, uma análise atenta mostra estas alterações em forma bem evidente, pois aparecem nos enfermos deste grupo no momento em que é necessário passar da simples repetição de palavras, frases ou da designação de objetos à criação ativa, criativa, de esquemas da própria enunciação verbal" (Luria,1986:222).

4)afasia sensorial: São afecções que atingem os setores audio-verbais do córtex, ou seja, a região pósterio-superior da área temporal esquerda (área de Wernicke). Os

enfermos com estas afecções conseguem discriminar perfeitamente sons não verbais, como o bater de uma porta, ruído de louças, som de uma música, etc, porém apresentam confusões entre fonemas parecidos e, muitas vezes, também, para a discriminação dos sons da língua de maneira geral. Devido a esta falta de discriminação dos sons, pode ocorrer, em casos mais graves, uma dissociação entre o som e o significado das palavras.

5) afasia acústico-amnésica: Os mecanismos fisiológicos que se encontram na base desta alteração ainda não são bem conhecidos, mas parecem estar relacionado com lesões na área temporal inferior esquerda. A alteração básica deste tipo de afasia é a instabilidade de retenção das séries articulatórias (Vieira,1992). "Estes enfermos podem reter ou a parte inicial da série verbal ou a sua parte final; como resultante disso, a comunicação percebida perde sua totalidade e sua compreensão torna-se mais complexa com a aparição de novas dificuldades, desta vez de ordem mnêmica (Luria,1986:234).

6) afasia semântica: São afecções que atingem as zonas terciárias, parieto-têmporo-occipitais do hemisfério esquerdo e sua sintomatologia é "a desorientação espacial, acalculia, apraxia de construção espacial, agnosia e, do ponto de vista linguístico, observam-se alterações da percepção simultânea da oração composta. Nesse tipo de oração, o significado de cada termo depende das relações entre eles e o sentido se dá pela compreensão simultânea e direta da estrutura lógico-gramatical. O sujeito portador de uma lesão nesta região não é capaz de compreender essas relações, apesar de compreender corretamente as palavras isoladas. Por exemplo, a construção "o irmão do pai" e o "pai do irmão", são construções que para estes sujeitos não apresentam diferenças, parecendo-lhes, frequentemente, que ambas as construções expressam o mesmo sentido. Essa dificuldade também aparece ao ser solicitado ao paciente para discorrer sobre uma cartela temática que englobe cenas

inter-relacionadas. Sua performance se reduz à descrição de detalhes isolados mostrando uma dificuldade de visibilidade simultânea. Não se observam dificuldades na compreensão de palavras isoladas e orações simples.

1.4-AS INTERPRETAÇÕES LINGUÍSTICAS DE JAKOBSON PARA OS SEIS TIPOS DE AFASIA.

Jakobson foi o primeiro linguista a dar uma descrição linguística dos sintomas afásicos, a partir das classificações das afasias feitas pelos neuropsicólogos e, evidentemente, o fez baseado no programa científico de idéias de sua época. Assim, o objetivo, aqui, é apresentar estas descrições e ressaltar a importância deste feito, que produziu um grande avanço na interpretação das afasias, auxiliando tanto no diagnóstico, como no tratamento das afecções afásicas, além de contribuir para a concepção do fenômeno global da linguagem em suas intersecções com outros processos cognitivos.

Jakobson tomou a classificação lariana das afasias e destacou, nelas, os sintomas essencialmente linguísticos. Promoveu este estudo com base numa concepção estruturalista da linguagem, o que o levou a postular um duplo código fonêmico e semântico. Tal duplicidade age em relação ao duplo mecanismo da palavra e, por sua vez, permite ao indivíduo passar da etapa da formulação interna para a expressão verbal. A destruição de um destes códigos, fonêmico ou semântico, levou Jakobson a pensar nos dois eixos que regem o comportamento verbal: o paradigmático e o sintagmático.

Tanto o código como o contexto, são condições essenciais para que possa haver uma mensagem. Eles correspondem aos dois eixos fundamentais do comportamento verbal. Porém, é interessante notar que a destruição do contexto,

segundo Jakobson, interfere somente na **afasia dinâmica**, que difere das outras cinco que têm como objeto o próprio código.

Em seu estudo linguístico, Jakobson apresentou três dicotomias subjacentes ao comportamento verbal: **codificação/decodificação**, **limitação/desintegração**, **sequência/co-presença**, sobre as quais farei um breve resumo.

A **codificação** ou **combinação** se dá por uma relação externa de **contiguidade** e a **decodificação** ou **seleção**, por uma relação interna de **similaridade**. Quando a primeira estiver prejudicada e a outra intacta, perde-se a faculdade de formar proposições, o que provoca uma desintegração no contexto. É interessante observar que os sintomas linguísticos que R apresenta poderiam nos levar a relacionar seu caso com dificuldades de manejar o que Jakobson chama de contexto. No entanto, devemos ressaltar que as alterações linguísticas descritas por Luria na lesão do lobo frontal sempre foram formuladas a propósito de lesões massivas, enquanto que R possui uma lesão focal leve. Por outro lado, diz Jakobson, quando as relações internas estiverem prejudicadas (**similaridade**), mas as externas intactas, (**contiguidade**), o sujeito consegue seguir o **contexto** de uma mensagem e as alterações que se verificam dizem respeito somente ao **código**.

A segunda dicotomia (**limitação/desintegração**) não se refere às afasias aferentes e amnésicas, pois estas são consideradas, por Jakobson, de transição. Esta dicotomia ajuda a mostrar o grau de comprometimento que cada lesão provoca. A afasia dinâmica, como também a afasia que se encontra no seu extremo oposto (afasia semântica), caracterizam-se por traços de **limitação**. Para a afasia semântica, a **limitação** está em apresentar uma narrativa comprometida, não pela fluência, entonação e organização prosódica, mas pela perda do entendimento de uma relação lógico-gramatical. É como se o sentido de uma expressão, como, por exemplo,

"father's mother", tivesse que seguir uma ordem linear, o que resultaria numa interpretação equivocada (o pai da mãe, em vez de a mãe do pai).

No outro polo do mesmo segmento, a afasia dinâmica tem como **limitação** as unidades do discurso que ultrapassem os limites da frase; a dificuldade está em passar de uma frase para outra. Por exemplo, o paciente tem dificuldades de estabelecer elos entre as proposições; a sua produção limita-se a frases isoladas.

As afasias eferente e sensorial caracterizam-se por traços de **desintegração**. Na afasia sensorial, a **desintegração** diz respeito à incapacidade de o sujeito dar significado às palavras que compõem o léxico da língua. Nas provas de denominação, o paciente, ao invés de dar o nome de um objeto, o descreve a partir de uma de suas funções. Por exemplo, em vez de "caneta" diz "serve para escrever".

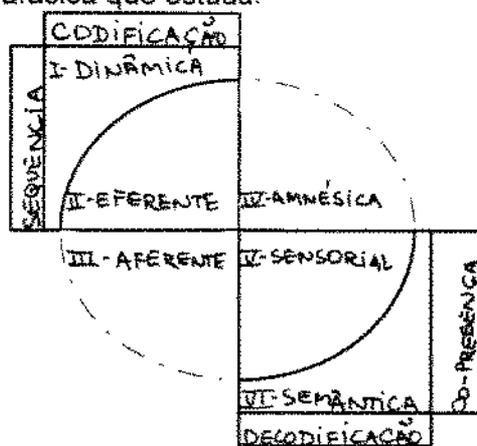
A afasia eferente é interpretada por Jakobson como um problema na estruturação fonológica das palavras que compõem o código. Por isso, apresentam parafasias fonêmicas, como por exemplo, CUNHONDO por CUNHADO.

A terceira dicotomia aplica-se às atividades integrativas dos elementos sucessivos ou dos elementos simultâneos. Para cada afasia vão ocorrer diferentes tipos de **desintegração** nos eixos **sintagmático/paradigmático**. Entre as afasias eferente e dinâmica, que pertencem ao eixo **sintagmático** - em que a **contiguidade** se caracteriza pela faculdade de combinar e integrar os elementos linguísticos - a diferença diz respeito à natureza dos elementos sucessivos: na afasia eferente, os elementos sucessivos dizem respeito às unidades que compõem a frase; há alteração no interior de uma palavra (parafasias fonêmicas e verbais) e também de uma palavra em relação a outra. Na afasia dinâmica, é a relação das frases entre si que está alterada. Só a título de exemplo, veremos que, no caso de R, a alteração que este apresenta quanto à relação das frases entre si é devida à intromissão de elementos digressivos, ou mesmo confabulatórios, por não conseguir programar e controlar o que

vai dizer. Por este motivo, descarta-se a possibilidade de R ter uma afasia dinâmica. Na afasia aferente os elementos sucessivos, também, não estão integrados, porque o sujeito perde a sensação dos movimentos fono-articulatórios, apresentando, assim, movimentos imprecisos.

No eixo **paradigmático**, as dificuldades relativas à **similaridade** se caracterizam pela dificuldade de selecionar e atuar no plano da atividade metalinguística. Na afasia semântica, por exemplo, a dificuldade está em passar do discurso direto para o indireto, em fazer uma seleção lexical adequada (o que deriva em anomias), entre outras.

Jakobson representa, no quadro abaixo, as três dicotomias, subjacentes aos seis tipos de deterioração afásica que estuda:



(Jakobson, 1964:148)

Jakobson interpreta as afasias eferente, aferente e dinâmica como sendo um problema de codificação, ou seja, um problema relativo à contiguidade. Nessas três afasias, a ligação entre os constituintes verbais está prejudicada, o que provoca a desintegração do contexto linguístico. Para a afasia dinâmica, o elemento de limitação é aquele que impede que se passe de uma frase à outra. Já para a afasia eferente, o elemento desintegrativo é aquele que impede que se construa motoramente uma proposição, estando, pois, alterado o nível fonêmico da linguagem, já que é a

coordenação dos movimentos voluntários que se apresenta alterada (perseveração). Portanto, o que diferencia estas duas afasias - dinâmica e eferente - é o grau de severidade do distúrbio de contiguidade; a afasia dinâmica seria, então, uma forma atenuada do distúrbio de contiguidade. Na afasia aferente, contrária da eferente, "o transtorno reside nos esquemas seletivos de articulação tanto a nível de sons isolados, como palavras e frases, entretanto, uma vez encontrada a postura articulatória correta, a emissão do elemento sonoro se dá sem nenhuma distorção" (Vieira, 1992:93).

O mesmo podemos dizer para os distúrbios relativos às alterações de similaridade. As afasias semântica, sensorial e amnésica apresentam dificuldades relativas à decodificação. Ou seja, uma dificuldade em selecionar ou sintetizar elementos linguísticos já analisados. Este tipo de dificuldade acarreta repercussões no plano do código linguístico, por exemplo anomias, parafasias verbais ou semânticas (uso de "garfo", quando se queria dizer "faca", uso de "dinheiro", quando queria dizer "caro"). Assim, numa afasia sensorial, a alteração manifesta-se pela ausência da unidade lexical e, também, pela impossibilidade de se trabalhar com atividades metalinguísticas. Quanto à afasia amnésica, a alteração está na decodificação da seleção dos constituintes, mas não na identificação dos elementos sequenciais, como é o caso da afasia sensorial. Já na afasia semântica, as alterações manifestam-se na redução de regras semânticas, ou seja, as ligações gramaticais entre as frases apagam-se.

Portanto, como podemos ver acima, a tipologia de Jakobson fornece uma descrição de alguns fenômenos linguísticos decorrentes da afasia, a partir do paradigma da concepção estruturalista da linguagem, na qual o autor se inscreve. O grande mérito de Jakobson foi propor uma interpretação linguística para os sintomas afásicos. Até então, só se conheciam as características neurofisiológicas e neuropsicológicas destes sintomas. A contribuição das descrições linguísticas, feita por

Jakobson, possibilitou um maior conhecimento sobre as afecções afásicas. As descrições trouxeram, então, a possibilidade de caracterizar linguisticamente os seis tipos de afasia definidos.

1.5-FUNÇÃO DO LOBO FRONTAL SEGUNDO AS CONCEPÇÕES DE GOLDSTEIN E LURIA.

Veremos, a seguir, como estes dois autores contemporâneos, de extrema importância para a história dos estudos sobre a afasia, descreveram a função do lobo frontal na dinâmica do funcionamento cerebral e como classificaram os sintomas decorrentes dessa lesão.

Não só Goldstein (1948) e Luria (1962;1974;1979), mas outros autores, como Stuss & Benson (1986), referem-se ao lobo frontal como se ele fosse destituído de função de linguagem, ou seja, para alguns desse autores o lobo frontal é considerado como uma espécie de "zona muda" ou do "silêncio", pois nenhuma função de linguagem se encontraria localizada naquela região.

No entanto, sempre se observou que lesões profundas que atingem a terceira circunvolução frontal produzem, geralmente, uma afasia motora grave, muitas vezes associadas à falta de iniciativa para falar.

Desse ponto de vista, diante de uma lesão do lobo frontal e, evidentemente, segundo o grau da lesão (difusa ou focal), o que primeiro "salta aos olhos" não é uma alteração linguística, mas uma alteração na conduta do paciente. No entanto, embora o paciente seja capaz de falar, aparentemente sem dificuldades articulatórias, sintáticas ou semânticas, o que se observa é que não consegue nem submeter-se à regras da atividade linguística nem fazer dela um uso social. Como explicar, então, as alterações que essa fala apresenta? Como classificar essa fala em que o sujeito não controla os jogos de linguagem em que se vê envolvido? Conhecendo mais sobre a

história das concepções sobre a lesão do lobo frontal e seus sintomas poderemos nos direcionar no caminho de respostas a essas questões.

Historicamente, o lobo frontal é considerado como uma região cortical responsável tanto pela conduta humana, como pela atividade intelectual. O estudo de sua função não é homogêneo entre os estudiosos que se detiveram a investigar as funções corticais superiores. Teremos a oportunidade de ver como os autores que descreveram os sintomas apresentados em sujeitos portadores de lesão massiva no lobo frontal e, portanto, apresentando uma Síndrome Frontal Severa, o fizeram a partir das concepções de linguagem predominantes na época. Veremos, no próximo capítulo, que, se adotarmos uma outra concepção de linguagem, diferente daquela tradicionalmente utilizada para avaliar e acompanhar os transtornos linguísticos decorrentes de uma SFL, poderemos integrar nela outros sintomas que podem repercutir na semiologia.

O lobo frontal, para Luria, tem um papel importante na regulação do comportamento, nos estados da atividade humana que são, para ele, a base da conduta. Realiza a função de síntese dos estímulos externos, a preparação para a ação e a formulação de programas, como também a avaliação dos efeitos da ação levada ao seu término, verificando se ela tomou o curso devido. Esta regulação da atividade consciente ocorre com estreita participação da linguagem. Vejamos o que Luria diz em relação à lesão massiva no lobo frontal:

"Clinicians studying patients with massive lesions of the frontal lobes have described similar facts. These patients were found to preserve all types of sensation, to have no sign of disturbance of movement, and have no disturbance of gnosis, praxis, and speech; nevertheless, their complex psychological activity was grossly impaired. They were unable to produce stable plans and became inactive and aspontaneous. They could respond to ordinary questions or perform habitual actions, but they

were quite unable to carry out complex, purposive, and goal directed actions. They were unable to evaluate their attempts, they were not critical of their behavior, and could not control their actions; they continued to perform automatic actions which had long ceased to be meaningful, without any attempt at correction. They were no longer concerned about their failure, they were hesitant and indecisive, and, most frequently of all, they became indifferent or they exhibited features of euphoria, as a result of loss their critical awareness of their behavior." (Lúria, 1962:247)

Uma lesão massiva, no lobo frontal, então, altera consideravelmente a regulação da atividade consciente, provocando, assim, uma perturbação no caráter seletivo dos impulsos. Sujeitos com lesão nessa área tomam-se passivos, não conseguem controlar sua conduta e apresentam um descompasso entre atividade verbal e motora: a reação motora não é estável. O paciente consegue reter uma informação, porém não consegue se submeter a ela - por exemplo, quando se pede ao paciente para pegar "o lápis que está em baixo do caderno", a ação não é completada - embora ele seja capaz de repetir o que lhe foi pedido - exatamente porque perde a função reguladora da linguagem, (Lúria, 1962).

Existem, então, características similares em pacientes com lesão no lobo frontal: "a programação dos movimentos não é analisada com cuidado, não sendo preservado como esquema de ação. Assim, suas ações tendem a ter uma aparência ecopraxica ou perseverativa, sem que se possa inibi-las". (Lúria, 1962:296)

Em resumo, segundo Lúria, afecções frontais no encéfalo levam às seguintes dificuldades:

- A linguagem perde o caráter regulador das ações e, apesar de o paciente conseguir reter a informação e de repeti-la, não consegue, porém, utilizá-la de modo a executar um pedido.

- Por não conseguir executar as ações, seguindo um plano de execução, elas tendem a ser perseverativas ou ecopráticas.

- Apresentam labilidade de humor, alterações da atividade crítica e impulsividade em suas ações. Quanto a impulsividade, que geralmente acompanha a síndrome frontal, o paciente não consegue refletir sobre um determinado tema, não consegue refletir sobre a elaboração de um determinado cálculo, ou mesmo sobre a resposta que dá a alguma pergunta.

Vejamos como Luria coloca estas alterações:

" A afecção dos setores frontais do cérebro altera a dinâmica interna do ato voluntário organizado, planejado em conjunto e a atividade verbal orientada, em particular, o que é muito importante e que constitui o fenômeno mais típico destes casos. Um paciente destes pode realizar os movimentos e ações elementares habituais, por exemplo, cumprimentar o médico, responder perguntas simples, etc. Mas, se o colocarmos em uma situação em que suas ações ou sua linguagem devam-se subordinar, não a um modelo imediato dado, mas sim a um complexo programa, cujo cumprimento implica um ato voluntário verdadeiro, apoiada na linguagem interna, podemos observar uma patologia gravíssima, que não se encontra em paciente com outra localização da afecção."(Luria, 1986,116)

Morato comenta que, para Luria,"a regulação da atividade consciente se dá em função de uma das "características estruturais" da linguagem interna: a forma interior da linguagem é o principal instrumento da regulação"(Morato 1991:135).

Ora, se uma lesão no lobo frontal atinge, principalmente, o caráter regulador da linguagem, então atinge o que Luria, seguindo os princípios vygotskianos, chama de fala interna:

"A palavra não é somente o instrumento do conhecimento, é também o meio de regulação dos processos psíquicos superiores."(Lúria, 1986:92)
"...Sabe-se que, no ato intelectual, a tomada de decisão, a escolha da alternativa correta, transcorre muito rapidamente, às vezes em décimos de segundo. Em tão curto espaço de tempo é impossível dizer a si mesmo toda uma frase e menos ainda todo um raciocínio. Portanto, a linguagem interior, que possui um papel regulador ou planificador, possui uma estrutura completamente diferente, reduzida, abreviada".
(Lúria, 1986:111)

Lúria postula, então, que em pacientes deste tipo, a "dificuldade está em recordar o registro semântico inicial em esquemas predicativos e passá-los para uma fala narrativa. Isto envolve basicamente o que se chama de fala interna" (Lúria, 1982:221). Na chamada psicologia soviética, não existe homogeneidade quanto ao estatuto da linguagem interna e da relação entre o pensamento verbal e não verbal. Não pretendo, aqui, estudar este material conceptual em si, mas aquilo que se relaciona especificamente com o conjunto de sintomas linguístico-cognitivos envolvidos na síndrome frontal.

Morato levanta uma questão, em sua dissertação de mestrado, que nos parece de extrema importância para o trabalho que desenvolvemos: "Por que vale a pena - teórica e clinicamente - distinguir tão marcadamente afasia e síndrome frontal? O que é, afinal, a linguagem para Lúria, como também para Goldstein e outros autores que tratam a síndrome frontal como problema de comportamento?".(Morato, 1991:140)

Goldstein, ao contrário de Lúria, em nenhum momento em sua obra se refere a uma entidade nosológica chamada "Síndrome Frontal", pois para ele o lobo frontal não tem uma função específica. Goldstein chega a se referir às alterações da linguagem interior como pertencendo a uma "afasia central" ou "afasia motriz cortical", já que a linguagem interior é um fenómeno central dos instrumentos da linguagem

(Goldstein,1948:245). Segundo este autor, existem dois tipos de sintomas que acompanham este tipo de afasia motriz cortical:

- Alterações motoras na linguagem, especificamente no que se refere ao ato motor da fala. Pelos sintomas que apresenta, esta afasia poderia estar relacionada com a chamada afasia motora de Broca: alteração da repetição, alteração no soletrar e na capacidade de combinar as letras para formar as palavras.

- Alteração nos impulsos para falar, apesar do ato motor em si estar preservado. Esta afasia poderia estar relacionada com a afasia dinâmica de Luria: alteração da linguagem espontânea e, em menor proporção, da compreensão; parafasia literal e verbal provocando uma perseveração das palavras.

Estes sintomas, segundo Goldstein, estão relacionados com a lesão no lobo frontal. Já as lesões que ocorrem na própria região temporal da linguagem diferem tanto da afasia motriz cortical, como dos casos em que o lobo frontal aparece gravemente lesionado. Assim, uma lesão localizada na zona de transição entre o lobo frontal e a área motora da linguagem, manifesta-se, segundo os termos de Goldstein, em uma "aquinesia" (Goldstein,1948), ou seja, alteração na combinação entre intenção e atividade motora.

Da mesma maneira que Goldstein chega a se referir às intenções do falante, descreve alterações que podem ser consideradas como sendo do âmbito da "função reguladora da linguagem" e que também repercutem no nível pragmático da linguagem. Vejamos:

"Todas estas características del lenguaje interior están determinadas también por su relación con la estructura de los procesos mentales no verbales. Por lo tanto, la formación correcta del lenguaje interior tendrá lugar solamente si los procesos del pensamiento son correctos. El orador há de tener una percepción clara de la situación global completa, de la relación entre el orador y su interlocutor, y una visión con respecto

al desarrollo de su lenguaje y de su interlocutor. En las anomalías de estos procesos mentales no verbales del orador, tienen lugar determinadas alteraciones del lenguaje". (Goldstein, 1948:100)

Podemos concluir que para Goldstein, como também para Luria, o lobo frontal é uma região cortical responsável pela conduta humana e pela atividade intelectual. No entanto, para Goldstein, ele não tem a mesma função específica, diferentemente de Luria. Segundo este, os sintomas decorrentes da lesão cerebral focal não são consequência direta da sua localização - dada a sua concepção de funcionamento cerebral; os sintomas, aqui dependem de outros fatores, tais como: a natureza do processo patológico; as condições psico-físicas da personalidade frente a lesão, etc.

Apesar de Goldstein não chegar a descrever o cérebro com suas características funcionais, suas análises pressupõem essa concepção, embora de modo menos específico do que aquele proposto por Luria. Na verdade Luria, muito mais do que Goldstein, apresenta uma visão funcionalista de cérebro. Porém, quando nos voltamos para a questão do lugar que a linguagem ocupa, na concepção desses autores, seja no conjunto de sintomas que compõem a Síndrome Frontal (Luria), seja naquele ligado à lesão do lobo frontal (Goldstein), a resposta nos parece óbvia: não é a linguagem que ocupa o lugar central nesta patologia, mas antes o comportamento. Talvez seja esta a razão por que sempre se propôs a separação entre este quadro sindrômico e os problemas especificamente afásicos, atribuindo-se àquele a perturbação do comportamento, acrítico e adinâmico.

De qualquer forma, na época em que Luria descreveu a Síndrome Frontal, a concepção de linguagem dominante - estruturalista - não permitiria dar conta do caráter linguístico das perturbações observadas. Na medida em que tal concepção de linguagem não abrange o nível pragmático da linguagem, as alterações observadas foram descritas no plano do comportamento.

2- PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM.

2.1-AVALIAÇÃO NEUROLÓGICA E A AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA

Os métodos utilizados na avaliação neurológica clássica eram aqueles que conseguiam abarcar transtornos da sensação, da atividade motora, do tônus e dos reflexos - chamados de processos cerebrais elementares. Estes transtornos refletiam alterações apenas em uma pequena parte do córtex e das vias nervosas, denominada zona primária ou de projeção¹. Porém, para os métodos neurológicos clássicos, continuavam inacessíveis as chamadas zonas cerebrais secundárias e terciárias, que abrangem as formas mais complexas da atividade mental, como as gnosias, as praxias, a fala e o pensamento, que ocupam uma grande parte do hemisfério cerebral². Desse modo, quando um neurologista devia fazer um diagnóstico, em caso de lesão nestas regiões cerebrais, via-se obrigado a recorrer à análise da conduta do sujeito, ou seja, a fazer uma investigação psicológica. Isso acabou levando a uma revisão da concepção que a neurologia clássica tinha sobre os centros funcionais, segundo a qual, "transtornos práticos estavam ligados, geralmente, às afecções das regiões parietais inferiores e transtornos da fala expressiva encontravam-se em lesões na zona inferior da região frontal. No entanto, o que os sintomas destas formas mais complexas da atividade mental revelavam era a inadequação quanto à localização direta de tais atividades complexas em sessões delimitadas do córtex.

Essas constatações levaram a uma mudança no conceito de função, o que deu ensejo à construção dos métodos de avaliação neuropsicológica, tal como propôs Luria³.

O que era antes entendido como função de um tecido determinado passou a ser visto como uma complexa atividade integrativa do organismo, um processo complexo que compreende um sistema funcional, coordenado por um plano biológico. É

¹Como nas concepções de Broca e Wernicke, cf. cap. I

²Tal como as concebeu Luria, cf. cap. I

³Cf. cap. I, página 10

possível a localização da função de um tecido específico (p.ex: a função de um tecido em uma área concreta do sistema nervoso), porém o **sistema funcional** não apresenta uma localização determinada, pois cada área contribui, na sua especificidade, para produzir a ação integrada deste **sistema funcional como um todo**. Desse modo, alterações no **sistema funcional** provocam uma alteração ao nível de todo o sistema. É pelas características destes transtornos que a avaliação neuropsicológica poderá dizer que área ou áreas corticais, que participam de um determinado **sistema funcional**, foram afetadas.

2.2- AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA - AS BATERIAS DE TESTES

Os métodos de avaliação neuropsicológica incluem testes, que são instrumentos utilizados para se poder chegar a um diagnóstico. Tal diagnóstico, então, é obtido através dos resultados da aplicação destes testes. Geralmente, o componente de avaliação de linguagem, nas baterias de testes, se realiza pela proposição das tarefas.

Nesses testes, as tarefas propostas são descontextualizadas: simulam situações artificiais. Ele apenas cumpre, na medida do possível, o que lhe foi solicitado.

Por outro lado, essas tarefas também fazem uso abusivo da atividade metalinguística da linguagem, como descreveu Coudry (1986). Geralmente são testes baseados no conhecimento de uma gramática escolar, que demandam nomeação, repetição, definição de palavras, ditado, etc., em situações totalmente descontextualizadas. A falta de sentido destas tarefas para o sujeito é, na maioria das vezes, o motivo de seu insucesso. O objetivo deste teste é apenas, e tão somente, indicar algumas das dificuldades metalinguísticas que o sujeito apresenta.

2.3- O TESTE PADRÃO AVALIATIVO "DIAGNÓSTICO NEUROPSICOLÓGICO DE LURIA"

Foi Anne-Lise Christensen quem propôs o teste-padrão avaliativo neuropsicológico conhecido como "o diagnóstico de Luria"(Christensen, 1987).

Este teste neuropsicológico, baseado nas teorias de Luria, além de avaliar aspectos que dizem respeito a atividades psicológicas do sujeito, pretende avaliar, também, aspectos relativos à linguagem. No entanto, como vimos no capítulo anterior, os fenômenos de linguagem contemplados nas tipologias descritas por Luria diziam respeito somente aos níveis fonológico, sintático e semântico. Neste sentido, muitos fenômenos que hoje podemos considerar como relevando do nível pragmático da linguagem, eram tomados como de âmbito comportamental, porque questões relativas ao uso da linguagem (inferências, leis discursivas, etc.) não eram contempladas.

"O diagnóstico de Luria" se subdivide em três etapas. O objetivo da primeira etapa é descobrir o estado das funções óptica, auditiva, cinestésica e motora. Estas funções são consideradas como sendo as funções básicas dos processos mentais, das reações sensorio-motoras diretas, da organização mnésica de uma atividade proposta e das operações complexas. É importante lembrar que estas funções são mediadas pela linguagem. Havendo transtorno de um ou mais destes processos - sistema de fala e analisadores individuais - pode haver uma lesão em uma zona concreta no córtex cerebral.

A segunda etapa dedica-se a investigar, mais detalhadamente, o grupo de processos mentais que apresentaram alterações nos testes preliminares. Assim, aparecerão provas que analisam a fala espontânea, a repetição de palavras e frases, a escrita, a leitura, a compreensão de texto e a resolução de problemas.

A terceira, e última etapa, formula a conclusão psicológica clínica, baseada nos resultados obtidos nas análises dos testes.

Apresentaremos, de maneira esquemática, como está organizado o "diagnóstico neuropsicológico de Lúria":

* função motora:

- função motora das mãos
- praxias orais
- regulação verbal do ato motor

* organização acústico-motora:

- percepção e reprodução das relações tonais
- percepção e reprodução de estruturas rítmicas

* função cutânea cinestésicas superiores:

- sensação cutânea
- sensação muscular articulatória
- esterognosia

* funções visuais superiores:

- percepção de objetos e desenhos
- orientação espacial
- operações intelectuais no espaço

* linguagem receptiva:

- audição fonêmica
- compreensão de palavras
- compreensão de frases simples
- compreensão de estruturas lógico-gramaticais

* linguagem expressiva:

- articulação dos sons na fala
- linguagem repetitiva
- função nominativa da fala

- fala nominativa
- * leitura e escrita:
 - análise fonética e síntese das palavras escritas
 - leitura
- * destreza aritmética:
 - compreensão de estrutura de números
 - operações aritméticas
- * processos mnésicos:
 - processo de aprendizagem
 - retenção e recuperação
 - memória lógica
- * processos intelectuais:
 - compreensão de desenhos temáticos e textos
 - formação de conceitos
 - atividade intelectual discursiva

2.4 O CASO R: uma proposta neurolinguística de avaliação e programação para intervenção terapêutica.

De acordo como o diagnóstico neuropsicológico feito pelo Prof.Dr. Benito Pereira Damasceno, R é portador de uma Síndrome Frontal Leve decorrente de uma lesão na parte anterior do hemisfério esquerdo do lobo frontal. Tal lesão é consequência de um traumatismo crâneo-encefálico. No início de 1990 (01/01), R sofreu um acidente automobilístico, tendo permanecido em coma por 45 dias.

O exame neuropsicológico revelou dificuldades práxicas, que foram desaparecendo com o passar do tempo, porém os lapsos de memória, que surgiram

com o acidente, ainda persistem. Esses lapsos são relativos aos últimos 10 anos de sua vida(de 1980 a 1990).

R tem 34 anos , nasceu em Campinas, é casado e pai de três filhos. Formado em Medicina Veterinária e Tecnologia de Alimentos, atualmente trabalha em vendas. Para se ter uma idéia do tipo de dificuldade linguística que R apresentava antes de eu acompanhá-lo, relatarei dois exemplos que mostram as alterações iniciais de seu quadro neurolinguístico.

R foi encaminhado a Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística da UNICAMP em março de 91. A avaliação Neurolinguística, feita pela Profa.Dra.Maria Irma Coudry, revelou, inicialmente, dificuldades com o uso da linguagem em situações discursivas. R usava o mesmo registro, altamente formal, para com todos os seus interlocutores, sem a menor concessão. Por esta razão, ele foi encaminhado ao Centro de Convivência de Afásicos(CCA), cujos participantes - de diferentes origens sociais (pedreiro, advogado, donas de casa, chofer de caminhão, funcionário público, etc.)- mostravam dificuldades de entender o que ele dizia. Por exemplo, R no dia em que foi apresentado a um dos participantes do grupo- AF(pedreiro)- disse que era "médico veterinário e tecnólogo de alimentos" e que, na ocasião, estava trabalhando com chinchilas. A investigadora, notando a expressão de absoluta incompreensão, por parte de AF, perguntou-lhe se havia entendido. AF disse que não. A investigadora, então, pediu a AF que fizesse uma pergunta a R. AF hesitava ao formulá-la, não devido a sua afasia, mas porque não tinha a menor idéia do que fosse chinchila (AF: *O que é..., o que... pode ser chinchila?*).

O outro exemplo refere-se a um telefonema que R fez ao Ambulatório de Neurologia, para explicar à investigadora porque não tinha comparecido à sessão marcada. Disse à investigadora que havia batido o carro e começou a contar minuciosamente o acidente, mesmo encontrando-se na sala do delegado.

O atendimento no CCA foi uma experiência interessante para R, porque o grupo é diferenciado (em idade, escolaridade, experiência profissional e dificuldades linguístico-cognitivas). As sessões no CCA permitem que ele seja exposto a situações em que deve adequar-se ao uso diferenciado de linguagem, como requerem as várias situações discursivas que o grupo experiencia.

Quando passei a acompanhar esse caso, o deficit neurolinguístico concernia ao nível pragmático da linguagem, ou seja, a alterações relativas ao uso social da linguagem em situações discursivas diferentes e com diferentes interlocutores. Decidimos proceder ao protocolo discursivo que estamos desenvolvendo na área de Neurolinguística da UNICAMP, para fazer um diagnóstico mais apurado dos fatos de linguagem envolvendo em suas dificuldades. Introduzimos, pois, piadas, fábulas, relatos, que revelaram outros sintomas linguísticos, no caso, semânticos, que passaram a integrar o conjunto de sintomas que caracterizavam o quadro.

Acompanhei longitudinalmente o paciente R de agosto de 1991 até o final de 1992. A hipótese da qual parti era a de que a classificação das afasias e, conseqüentemente, a classificação dos sintomas típicos da Síndrome Frontal como uma patologia distinta da afasia, havia-se produzido num momento em que a concepção de linguagem dominante não levava em conta o nível pragmático da linguagem, o que fez com que a inadequação da conduta ou do comportamento fosse o sintoma mais evidente desta síndrome. Há de se considerar, também, o fato de que o estudo da Síndrome Frontal, feito por Lúria, refere-se a casos graves.

Tal concepção de linguagem, embora nem sempre explícita entre os estudiosos da afasia, determina a natureza dos instrumentos de avaliação e terapêuticos.

No entanto, o que pode acontecer se adotarmos uma outra concepção de linguagem? Não se trata, apenas, de trocar uma teoria de linguagem por outra, mas de relevar o fato de que a Neurolinguística que adota uma concepção da linguagem

enquanto código não dá conta de descrever as diferentes faces do objeto linguístico - além da metalinguagem - que podem ser afetadas pela afasia.

Assumindo uma visão discursiva da linguagem, podemos analisar as dificuldades que afetam todo o processo verbal, como as alterações nas relações de sentido que "recobrem manifestações do funcionamento da língua como a pressuposição, a textualidade (...), a relevância tópica, o trabalho inferencial, o reconhecimento de intenções, as leis discursivas, etc".(Coudry & Possenti,1992:53)

Como vimos no capítulo I, a descrição tradicional da Síndrome Frontal prioriza os aspectos orgânicos e/ou comportamentais, ficando mal descritos e mal analisados os sintomas relativos à linguagem.

No entanto, a avaliação neurolinguística que desenvolvemos - a ser detalhada no capítulo IV - revelou alterações relativas ao nível pragmático da linguagem: R apresenta dificuldades de compreensão quando esta diz respeito aos elementos implícitos da língua (Ducrot, 1975/1987) ou ao subtexto (Koch,1989); apresenta dificuldade em mudar de registro para falar com interlocutores diferentes em diversas situações discursivas; apega-se a uma única direção argumentativa, geralmente aquela mais ligada ao seu conhecimento enciclopédico. Por mais que a situação demande que ele mude a direção do sentido, em virtude da conclusão a que se quer chegar, não consegue fazê-lo. Fica, assim, prejudicado o trabalho inferencial - que tanto ele quanto o investigador devem fazer - para que faça sentido o que ele diz.

Neste sentido, este trabalho se orienta em direção a duas questões: seria possível interpretarmos linguisticamente os sintomas apresentados na Síndrome Frontal Leve, que é o caso deste estudo? Através desse procedimento, seria possível intervir com mais eficácia nas dificuldades linguísticas de R, de modo a ajudá-lo a enfrentá-las e, em muitos casos, resolvê-las?

2.5 A AVALIAÇÃO LURIANA DO CASO R: resultados e comentários

Após termos trabalhado durante o segundo semestre de 1991, com uma proposta de avaliação e terapia de linguagem baseada em uma concepção de linguagem como um trabalho social e partilhado entre os interlocutores, iniciamos o ano de 1992 com a aplicação do conjunto de testes que compõem "o diagnóstico de Luria".

O objetivo desta aplicação foi verificar se as dificuldades relativas ao nível pragmático da linguagem - já então identificadas por nós - apareceriam também nos dados que este teste permite levantar.

Nem todas as provas foram aplicadas, pelo fato de R não apresentar dificuldades evidentes para algumas tarefas. O que veremos, a seguir, é o resultado de seu desempenho nas provas avaliadas.

Regulação verbal do ato motor: R não apresentou dificuldades na execução destas provas. Citamos como exemplos:

a) seletividade da ação em resposta a uma instrução:

(01)

INV.: Você vai desenhar para mim as figuras geométricas que você conhece.

R.: [desenha a figura de um círculo, de um quadrado, de um retângulo, de um triângulo]

b) regulação verbal dos movimentos:

(02)

INV.: Eu vou te dar a seguinte ordem: quando ouvir uma batida na mesa, você bate duas vezes o pé e quando ouvir duas batidas na mesa, você bate o pé uma vez.

R.: [consegue executar adequadamente esta prova]

INV.: Quando ouvir a palavra "vermelho" levante a mão, quando ouvir a palavra "verde" não faça nada.

R.: [segue adequadamente a ordem]

Organização acústica-motora

a) percepção e reprodução de relações tonais:

(03)

INV.: Eu vou te dar uma sequência rítmica e você vai tentar reproduzi-la
(... ..) (... ..)

R.: [consegue reproduzi-la adequadamente]

Função visual superior:

a) orientação espacial e operações intelectuais:

(04)

INV.: R, eu vou pedir para que você desenhe, mais ou menos, a planta de sua casa.

R.: [Inicia o desenho começando pelas portas. Foram elas que deram os limites de cada ambiente. A partir daí, o desenho foi se expandindo. Quando ficou pronto, foi localizando cada ambiente, porém R ficou confuso - confusão relacionada à explicitação verbal sobre o desenho - ao querer localizar alguns detalhes: uma armário, o forno micro-ondas, etc.]

INV.: O que foi, R?

R.: [segmento ininteligível]

INV.: por quê?

R.: [segmento ininteligível]

INV.: É complicado?

R.: Então eu acho o seguinte.

INV.: Ah.

R.: Então, bom. Aqui... o famoso dois em um.

INV.: Dois o quê?

R.: dois quartos, um a mais. Não é dois e um, é dois mais um... (segmento ininteligível). Esse e esse. Esse quarto menor é o um e dois e um, dois mais um. Dois normais e um faz o que quiserem, pode ser tanto um quarto de empregada, ou um quarto (segmento ininteligível).

INV.: E o que é aí?

R.: Aqui é a cozinha, aqui é o corredor, tanque, máquina de lavar roupa, aqui em cima tem um frizer, um armário, aqui fica o micro-ondas, geladeira, secadora de roupas, lavadora de talheres, aquela enxuta e o w.c. de empregadas.

R soube executar esta prova adequadamente, mas a fala que acompanha o desenho revela que ele vai ampliando demais o tema e até se desviando dele. Ou seja, passa do que é essencial numa planta para detalhes secundários de objetos que ele tem em casa. São fatos como este - que o teste trouxe - que julgamos interessante analisar, e que ajudaram a apurar nossa reflexão teórica e clínica sobre as dificuldades de R.

Linguagem receptiva:

a) compreensão de frases simples: instruções verbais.

(05)

INV.: pegue o livro, ponha o lápis em cima da caixa e me dê a borracha.

R.: [soube executá-las adequadamente]

b) estruturas lógico-gramaticais:

Esta prova consiste em verificar as relações contidas na linguagem que aparecem através das formas gramaticais, tais como: construções que utilizam o caso

genitivo atributivo, exemplo: ao mostrar uma foto de uma senhora e uma criança, pede ao paciente que aponte a *mãe da filha*; construções que utilizam preposição que implicam relações espaciais, exemplo: *a primavera vem antes ou depois do verão*; construções comparativas, exemplo: pedir ao paciente julgar quem é mais baixo, em "*João é mais alto que Pedro*". Neste ítem, só não foi aplicada a prova que continha construções flexionais simples, por exemplo: pedir ao paciente que *aponte com a chave um lápis*, por sabermos que R não apresentava dificuldades neste sentido.

(06)

INV.: Eu vou te dizer uma expressão e você vai me dizer se é a mesma coisa ou não: "o irmão do pai e o pai do irmão".

R.: o irmão do pai é o meu tio e o pai do irmão é o meu avô.

R, ao responder o que seria "o irmão do pai", o faz adequadamente e com muita rapidez, e não hesita em responder, com a mesma rapidez a outra possibilidade "o pai do irmão", porém, de maneira inadequada. Esta inadequação parece estar mais relacionada à impulsividade da resposta do que a uma dificuldade em analisar o conteúdo da expressão. Veremos, mais adiante, que as provas que avaliam as estruturas gramaticais complexas, a capacidade de raciocínio e de cálculo, são provas que irão apresentar, também, esta imediatez em suas respostas.

Ainda neste mesmo ítem do teste, um outro exemplo, desta vez envolvendo construções preposicionais que implicam relações espaciais, R apresenta muita dificuldade em executar esta prova. Vejamos o exemplo:

(07)

INV.: você vai desenhar uma cruz à direita de um círculo, mas à esquerda de um triângulo.

R.: [faz uma tentativa e rabisca e depois verbaliza] A direita de um círculo.

INV.: O que é à direita de um círculo?

R.: à direita.

INV.: Sim, mas o quê?

R.: O círculo, foi o que eu entendi, o círculo à direita.

INV.: vou falar outra vez: "uma cruz à direita de um círculo,mas à esquerda de um triângulo.

R.: [vai tentando desenhar o círculo, logo após um triângulo, mas fica na dúvida sobre o lugar onde tem que colocar o triângulo, em relação ao círculo].

INV.: Você sabe me dizer o que foi que eu pedi?

R.: Isto aqui, [apontando para o papel]. A direita do círculo, que ela está à esquerda do triângulo, [não conseguindo executar a prova].

Pelo que desenhou, R parece entender as relações espaciais, separadamente, como por exemplo, "a cruz à direita do círculo", mas relações entre relações não parece conseguir entender nem reproduzir. Quando lhe foi pedido para que verbalizasse esta estrutura lógico-gramatical, também não o fez.

Sobre este tipo de dificuldade, a de "relacionar coordenadas espaciais em relação a um ponto de referência", Christensen observa que pacientes portadores de uma Síndrome Frontal geralmente se atrapalham nas construções que envolvam elementos preposicionais. Vejamos:

"O paciente capta o significado de palavras individuais, mas a instrução "coloca uma cruz debaixo de um círculo" a entende como sendo "coloque uma cruz e um círculo debaixo dela" e desenha as figuras neste ordem. Não pode captar a essência das construções preposicionais; desenha as figuras de forma inercial ou repete a mesma figura várias vezes, se satisfazendo com esta produção".(Christensen,1987:191).

Porém, nas provas que envolviam construções comparativas, p.ex:

(08)

INV.: João é mais alto que Pedro, que criança é mais baixa?

R.: Pedro.

Construções gramaticais invertidas, p.ex:

(09)

INV.: Estou desacostumado a desobedecer regras. Quem disse isto, uma pessoa disciplinada ou indisciplinada?

R.: [pensa] se for considerar a assertiva como verdadeira, o disciplinado.

R não apresentou dificuldades em respondê-las. Porém, aquelas que envolvem estruturas gramaticais complexas são resolvidas de maneira confusa, como mostra o exemplo:

(10)

INV.: "A mulher que trabalha na fábrica veio ao colégio, onde estudava Margarida, para dar uma conferência". Você pode explicar esta frase?

R.: ela foi lá onde trabalhava Margarida

INV.: Ela quem?

R.: Margarida.

Novamente, R explica esta estrutura gramatical complexa de maneira imediata, sendo que precisava refletir para acertar. Vejamos o que Luria diz sobre esta imediatez, que é geralmente apresentada em pacientes com lesão no lobo frontal, lembrando que suas descrições foram feitas a propósito de pacientes com lesão massiva do lobo frontal (hemorragia, espasmo vascular ou tumor) :

" La alteración de la función de los lóbulos frontales puede llevar a la desintegración de los programas de actividades complejas y a su rápido reemplazamiento, bien por formas más básicas y simples de conducta o bien por la repetición de estereotipos inertes, que ni son relevantes para la situación ni tienen carácter lógico."(Luria,1974/1984:196)

Mais adelante:

"Las lesiones frontales no alteran las funciones fonético- léxicas(...). Sin embargo, dan lugar a una alteración grave de una función diferente del lenguaje llamada función reguladora; el paciente ya no puede controlar ni dirigir su comportamiento con la ayuda del lenguaje, tanto el suyo propio como el de otra persona(...); sustituye la verdadera actividad intelectual por una serie de suposiciones fragmentarias, impulsivas, o bien reproduce estereotipos inertes, en vez del programa adecuado y adaptable del acto intelectual." (Ibiden, 1974:211)

A linguagem, quando perde sua função reguladora, deixa de controlar as ações, mostrando um tipo de comportamento impulsivo, estereotipado. Vejamos como Luria relata esta questão:

"...He observado estas perturbaciones de un programa de acción compleja y su sustitución por un comportamiento básico elemental en muchos pacientes con un "síndrome frontal" claramente definido. Por ejemplo, un paciente viendo el pulsador que accionaba el timbre fue atraído involuntariamente para precionararlo, y cuando la enfermera llegó en respuesta a la llamada, fue incapaz de decidir por qué lo había hecho. Otro paciente del mismo tipo al que se había dado permiso para dejar la sala de consulta del médico que le estaba examinando, se levantó y cuando vio la puerta abierta del armario entró en él, mostrando el mismo tipo de comportamiento impulsivo".(Ibiden,1974:197)

Linguagem expressiva:

a) função nominativa da fala: não apresentou dificuldades para a nomeação de objetos nem para a nomeação feita através de uma descrição. Nomeia com facilidade todas as categorias de objetos apresentadas, P.ex: talheres, animais, frutas, etc.

b) fala narrativa: Esta prova foi testada através da fábula: Prova de amor (à maneira dos... turcos) de Millôr Fernandes. A tarefa era recontar, para a investigadora, o que tinha sido lido por ela. Vejamos, primeiro, a fábula que foi lida para R:

" Na ensolarada manhã de abril a jovem vinha andando pelo campo, trazendo à cabeça a bilha d'água recém-apanhada no córrego. Tentava aqui e ali proteger-se, sem deixar de andar, nesta e naquela sombra das árvores que margeavam a estrada gramadada. Assobiava uma melodia entre triste e alegre. Eis se não quando, do alto de uma colina, num só galopar, desce, com fúria que se acende na raça, ao meio-dia, um Fauno, completo e acabado, no corpo, no espírito e na flautinha faceiramente pôs-se a acompanhar a senhoritinha no passo e na melodia. Ela tentou não lhe dar atenção, fingiu ignorá-lo, parou de assabiar, pensou em outra coisa. O Fauno, então disse, num tom de voz de ardor e sinceridade incomparáveis: " Tenho paixão por você. Amo-a como ninguém jamais amou ninguém. Não poderia viver sem você." E a moça respondeu: " Não vejo porque alguém se apaixonaria por mim dessa maneira, eu sem graça e beleza, quando logo ali atrás vem minha irmã que é a mulher mais linda e encantadora de Bethgarem". O fauno olhou e não viu viv'alma: "Por que me enganas dessa maneira?" perguntou. "Não vejo ninguém". "Bem"- respondeu a senhoritinha- porque queria experimentar sua sinceridade. Se você me amasse realmente não olharia para trás".

MORAL: Mais vale um urubu na mão do que um faisão inventado na malandra imaginação.

Vejamos como R iniciou sua re-contagem:

(11)

R.: É o tal negócio, em certas ocasiões a gente tem que decidir na hora. O negócio é mais o menos por aí, trocando a fábula, qualquer coisa, o que está mais próximo de você, se você não pega, numa situação qualquer, vamos imaginar só por idéia, mais bonito, melhor que você tá querendo, qualquer coisa, não na sua mão, você: mais vale um urubú, porque tem certeza de que está perto do que, numa situação tem que agarrar na coisa, se não...

Antes de comentarmos esta prova, vejamos o que Christensen diz sobre a fala narrativa em pacientes com lesão no lobo frontal:

" O paciente dá imediata impressão de ter uma linguagem normal; não tem dificuldades articulatórias ou gramaticais apreciáveis. No entanto, não a repete adequadamente, não pode continuar uma sequência por si mesmo e cada reação precisa de um estímulo. Apresenta claros defeitos no diálogo e na linguagem narrativa. O paciente não pode dar uma versão coerente de um tema, oferecendo normalmente apenas fragmentos separados. No entanto, é possível reproduzir elementos de uma história com respostas separadas quando se pergunta sobre ela. A linguagem produtiva geralmente se reduz a estereótipos".(Christensen, 1973:)

Podemos considerar que as observações de Christensen quanto às alterações de linguagem que um paciente com lesão no lobo frontal apresenta podem ser interpretadas como relevando da configuração textual da narrativa. A fala de R é uma fala que reflete uma dificuldade em se expressar dentro de um determinado limite textual: quando ele anuncia o que vai falar, parece não haver dificuldades para isto, porém sua dificuldade está em conseguir se manter dentro de uma dada configuração

textual - no caso a narrativa. R demonstra entender a fábula (em negrito), mas narrar segundo o pedido feito pela investigadora (INV.: *Agora, conte esta fábula para mim*), não foi possível. R ficou muito mais na posição de quem estava comentando a fábula do que na posição de quem iria narrar a fábula. Este tipo de conduta, a do comentarista em lugar daquela do narrador, aparece também em outras ocasiões, como, por exemplo, na re-contagem de piadas, em que as transforma numa narrativa sem humor. Esses dados colocam em pauta a questão da diferença entre uma narração, um comentário e um relato. Podemos considerar que existe uma configuração textual para o comentário, como existe para a narrativa? Ou o comentário seria apenas um modo de funcionamento do discurso oral, como é o diálogo? Examinaremos estas questões no próximo capítulo, quando discutiremos a possibilidade de incluir uma variedade de configurações textuais - para este caso, utilizamos piadas, fábulas e relatos - tanto para a avaliação de linguagem como para as sessões terapêuticas.

Uma outra característica que aparece na fala de R (11) é não conseguir desenvolver uma idéia que enuncia, pois esta geralmente remete a outra e, por isso a progressão do tema, necessária para delinear o sentido, não se realiza. Em consequência disso, as idéias ficam truncadas, embora não haja a presença de pausas entre elas nem de hesitações.

Linguagem escrita:

Esta prova não foi aplicada pelo fato de R não apresentar dificuldades quanto aos símbolos gráficos. Porém, ao usá-los para escrever um texto, apresenta dificuldades semelhantes às encontradas quando estes textos lhe são apresentados oralmente. R apresenta deficits relativos ao funcionamento discursivo, de acordo com a especificidade das diversas configurações textuais.

Destreza aritmética:

R consegue executar com facilidade operações aritméticas de soma, adição, subtração e divisão.

Processos mnésicos:

Para estes processos, a dificuldade se localiza na reprodução de uma narrativa que acabou de escutar, mas nunca na memorização de uma sequência de palavras isoladas, ou mesmo de números. Parece, então, que a inadequação que R apresenta é uma dificuldade que está muito mais relacionada com a "programação" discursiva de sua fala do que com a existência de problemas mnésicos.

Processos intelectuais:

a) compreensão de desenhos e textos e formação de conceitos:

R não teve dificuldade quanto a estas provas: conseguiu ordenar uma sequência de desenhos; conseguiu explicar significados metafóricos, tais como: filho de peixe, peixinho é; em casa de ferreiro o espeto é de pau, etc; conseguiu realizar provas que envolviam formações de conceitos: definição de palavras (mesa, trator, etc.), comparação entre idéias (p. ex: o que há em comum entre uma mesa e um sofá).

b) atividade intelectual discursiva: Estas provas exigem tanto um trabalho de raciocínio, quanto um trabalho de cálculo. Em algum momento destes trabalhos, R falha. Ele chega a fazer uso de um raciocínio que o encaminha para um determinado cálculo, como veremos logo a seguir, porém, pela impulsividade ou imediatez de suas respostas (em dar um resultado), não percebe que o raciocínio que está utilizando pode estar ou equivocado, ou incompleto. Conseqüentemente, o cálculo desta tarefa também fica prejudicado. Há tarefas que exigem um gasto maior de tempo para que o raciocínio e o cálculo sejam equacionados, mas R parece não se dar conta disso. O equacionamento que faz para as tarefas mais complexas não acompanha o nível exigido para se alcançar o resultado. Para ele, tanto uma tarefa simples como uma

tarefa mais complexa são tratadas da mesma maneira, como se pode ver no exemplo abaixo:

(12)

INV.: Um pedestre demora pra chegar à estação 15 min. e um ciclista chega 5 vezes mais rápido. Quanto demora o ciclista para chegar na estação?

R.: 3 minutos [respondendo imediatamente]

R não apresenta dificuldades de raciocínio, quando este é uma aplicação direta dos elementos que constituem o problema, ou melhor, quando envolve apenas um tipo de operação.

Já para problemas que exigem um raciocínio mais complexo, com mais de uma operação, o equacionamento destas operações não acompanha o movimento temporal (a idade que o pai tem agora) que o enunciado do problema pede. Vejamos o exemplo:

(13)

INV.: Um filho tem 5 anos de idade. Dentro de 15 anos seu pai será 3 vezes mais velho que o filho. Quantos anos tem o pai agora?

R.: 60

INV.: Como você fez isso?

R.: Daqui 15 anos o pai deveria ter 3 vezes a idade do filho. Então, $5+15$, vezes 3, sessenta.

R apresenta uma reflexão sobre os cálculos necessários para levar a cabo a resolução do problema, novamente, imediata. Seu processo intelectual é feito sempre da mesma maneira, isto é, mesmo quando as tarefas exigem um nível maior de equacionamento, o gasto de um tempo maior no raciocínio e no cálculo para se chegar

ao resultado desejado, R apenas vê como meta o resultado, sem se preocupar se aquele resultado está condizente com o enunciado do problema.

É importante lembrar que, em consonância com a metodologia dos procedimentos avaliativos e terapêuticos que estávamos desenvolvendo com R, apontamos a R, provocando, assim, um outro episódio dialógico, quais as dificuldades que tivera com essas tarefas, esmiuçando-as, e tentando fazer com que as conhecesse para que, se possível, pudesse ultrapassá-las. Este é um princípio metodológico que seguimos usualmente, mas, como se tratava, aqui, da aplicação de um teste, na maioria das vezes tentamos evitá-lo.

O que estes testes nos informam sobre as dificuldades de R? Em outras palavras, o que podemos concluir dos resultados desta avaliação?

R tende a desviar-se do tema sobre o qual, a princípio, estava falando. Embora seja usual, quando falamos sobre um determinado tema, que associações temáticas venham-nos à mente, o que acontece é que R não consegue controlar os vários temas que lhe vão surgindo e, simultaneamente, os verbaliza.

Parece-nos, no entanto, que muitas das alterações apresentadas por R com o que Luria chama de estruturas lógico-gramaticais se manifestam devido à impulsividade de suas respostas. Também se equivoca quando trata relações complexas como se fossem simples, ou seja, quando a tarefa requer que faça relações entre relações, mas ele responde prontamente, saltando passos do raciocínio complexo.

Vimos, no exemplo 4, como a intromissão de temas secundários prejudica a organização de sua explicação sobre o desenho; em vários exemplos (6,10,13), vimos também que a imediatez com que responde a perguntas aparentemente simples o faz cometer equívocos de raciocínio (verbal (6 e 10) e intelectual (13)). Analisamos, ainda,

como é difícil para R (exemplo 7) compor um raciocínio que envolve relações entre relações, através do comando verbal da investigadora.

O teste revela, pelos sintomas que R apresenta, que a região lesada no cérebro é o lobo frontal, conforme podemos verificar pela descrição dos sintomas em pacientes com lesões nesta região, dada por Luria:

"Pacientes com lesão no lobo frontal, apresentam incapacidade em manter-se dentro dos limites do sistema seletivo de conexões dada pelo texto e emergem facilmente as associações irrelevantes que são incapazes de inibir. O paciente dá a imediata impressão de ter uma linguagem normal; não tem dificuldades articulatórias ou gramaticais apreciáveis (...). Tem claros defeitos no diálogo e na linguagem narrativa. O paciente não pode dar uma versão coerente de um tema, oferecendo, normalmente, apenas fragmentos separados. No entanto, é capaz de reproduzir os elementos de uma história com respostas separadas e perguntas sobre ela." (Christensen, 1987:191,192)

Como pudemos ver anteriormente, o lobo frontal tem como função seleccionar, programar e controlar ações motoras e intelectuais (mentais); nestas últimas, sobretudo, a linguagem tem um papel fundamental. Como o teste nos mostra, R tem dificuldades para exercer a atividade intelectual organizada.

No entanto, do ponto de vista linguístico, os sintomas de R poderiam corresponder a um tipo de afasia que afeta o nível pragmático da linguagem. Como veremos no capítulo IV, as dificuldades linguístico-cognitivas de R dizem respeito a ações linguísticas que se produzem pela linguagem e que tocam pela eficácia do discurso, em situações dialógicas e narrativas.

Procedendo a um estudo da afasia no âmbito da Ciência Linguística e de acordo com a Teoria Linguística que se assume neste trabalho, as dificuldades que R apresenta podem ser descritas como linguísticas, tais como, desvio do tema principal

para um periférico, dificuldade em prosseguir num tópico eleito por ele, ou seja, sem retorno ao tópico dominante; falta de progressão temática e, conseqüentemente, prejuízo do cálculo do sentido.

Tal tipo de afasia, como vimos, não está descrita na literatura, pelo fato de a pragmática não ter sido incorporada nos estudos afasiológicos e, conseqüentemente, problemas que dizem respeito ao nível pragmático da linguagem foram tratados como relativos ao comportamento verbal.

A partir do quadro teórico que sustenta este trabalho, no entanto, é possível levantar algumas questões:

- Dada a análise das alterações linguístico-cognitivas envolvidas na Síndrome Frontal Leve, é desejável mantê-la como uma entidade nosológica separada das afasias?

- Que repercussão semiológica, classificatória e terapêutica pode ter a análise dos problemas linguístico-cognitivos da Síndrome Frontal Leve, quando se adota uma concepção de linguagem diferente daquela utilizada por Luria, que orientou tanto a descrição dos seis tipos de afasia como a da própria Síndrome Frontal?

**3- PARA UMA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVAMENTE
ORIENTADA.**

3.1 BASES TEÓRICAS.

3.1.1 Introdução:

Nas diversas classificações tradicionais não se encontram referências à afasia pragmática. Os estudos linguísticos que fazem parte do estudo da afasia tradicional não contemplam o nível pragmático pelo fato de que a própria Linguística que os fundamenta não considerar a pragmática como um domínio específico de estudo da linguagem. Foi somente a partir dos anos 80 que esse quadro se alterou, e os reflexos dessa mudança podem ser vistos, por exemplo, no trabalho de Lesser e pesquisadores da Universidade de Newcastle que buscam nos estudos pragmáticos (Levison, 1983) contribuições para "avaliações interativas específicas por meio da abordagem da análise conversacional" (Lesser e Milroy, 1993:283).

A proposta desta dissertação é utilizar uma teoria de linguagem orientada discursivamente (Franchi, 1976/77; Mainueneau, 1987/89; Possenti, 1986; Coudry, 1986; Geraldi, 1990), como base para a avaliação e o acompanhamento longitudinal do caso R, através da análise de dados, a fim de se poder caracterizar a natureza de suas dificuldades linguísticas.

O que significa, portanto, assumir uma concepção de linguagem discursivamente orientada?

- Que a significação não é dada de antemão.
- Que na linguagem há, sim, cristalizações e sentidos historicamente construídos por um trabalho social contínuo que os sujeitos exercem sobre ela
- Que há vários fatores que interferem na elaboração da significação, tais como: o contexto, pressupostos de conhecimento, crenças, imagens recíprocas entre interlocutores e a respeito do referente, etc.
- Que há fatores relativos aos níveis linguísticos atuando nos processos de significação.

Nesta concepção de linguagem (como veremos no próximo capítulo), os dados revelam dificuldades em que a coerência está comprometida pela falta de planejamento e progressão temática; em que o trabalho inferencial para entender o que diz um texto está prejudicado; em que as condições polifônicas de alguns enunciados não são consideradas. O objetivo dessa abordagem dos fenômenos linguísticos, associados a patologias de linguagem, é verificar quais as condições em que se dão (ou não) os processos de significação.

Assim, para esta concepção de linguagem, não há uma relação unívoca entre recursos expressivos e os sentidos; a língua não é um conjunto de formas fixas, estáveis, que os falantes "usam", e cuja significação estaria pré-determinada no código linguístico, mas, ao contrário, é uma atividade dos falantes que, na interlocução, sob determinados sistemas ou sub-sistemas de referência, constrói os mais diversos sentidos, levando em conta sua historicidade. Assim, os sentidos são construídos através do trabalho dos falantes "que nunca se dá no vácuo, e por isso as línguas podem dispensar-se de ser sistemas autossuficientes ou coerentes", (Possenti,1992:165). Exatamente porque a língua, segundo esta concepção de linguagem, é um sistema indeterminado, não é uma estrutura, mas uma atividade, e, neste sentido, histórica, (cf.Possenti,1992). Estes conceitos - atividade, trabalho sistema de referência - serão melhor explicitados ainda no decorrer deste capítulo.

Luria (1986), baseado nos postulados vigotskyanos, afirmava que "para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida consciente e do comportamento "categorial", não nas profundidades do cérebro ou na alma, mas sim nas condições externas da vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem" (Luria,1986:20). O lugar que a linguagem ocupa em seu modelo de funcionamento cerebral, faz dela um instrumento decisivo do conhecimento

humano, "graças ao qual o homem pode superar os limites da experiência sensorial, individualizar as características dos fenômenos, formular determinadas generalizações ou categorias", (Luria,1986:22). Há, então, uma relação estreita entre linguagem e outros processos cognitivos, tendo a linguagem um papel mediador na relação do sujeito com o mundo, bem como nos diversos aspectos da atividade mental. R, por exemplo, é considerado um sujeito inoportuno pelos seus interlocutores, por não conseguir adequar o que fala às situações e aos interlocutores. É importante ressaltar, também, que as alterações a que me proponho analisar são de natureza linguístico-cognitivas, uma vez que o trabalho que os indivíduos fazem, ou apresentam dificuldades para fazer, com a linguagem, no caso de sujeitos cérebro-lesados, demanda uma relação estreita entre linguagem e cognição.

Assim, para descrever e analisar aspectos linguístico-cognitivos alterados em sujeito cérebro-lesados, partimos do ponto de vista de que a linguagem é uma **atividade constitutiva e estruturante das experiências**, como propõe Franchi (1986,1987), na qual os recursos expressivos se interligam a uma série de outros fatores no processo de construção da significação. Nessa mesma direção se inscrevem as reflexões de Possenti (1986):

" A função da linguagem é, sim estruturante do mundo, jogo no qual ela é aprendida e se estrutura, mas é no diálogo, na interação que esta atividade se realiza." (Possenti,1986:97)

Nos estudos tradicionais da síndrome frontal, a avaliação da linguagem - dentre os sintomas que compõem esta síndrome - é envolta por questões relativas a alterações do comportamento (Luria ,1962;1979 e Goldstein,1948). Porém, a evolução da Ciência Linguística, que trouxe à luz aspectos da linguagem ligados à organização do discurso e à enunciação, pode trazer contribuições para um novo enfoque sobre a

patologia da linguagem. Baseando-nos, pois, numa concepção de linguagem que contempla tais aspectos, encontramos na avaliação de linguagem de R dificuldades linguísticas importantes que precisam ser consideradas para que se tenha uma idéia mais precisa de seu quadro cognitivo geral. Este é o objetivo central desta tese, ou seja, mostrar que as dificuldades linguísticas de R dizem respeito, num primeiro momento, à dimensão pragmática da linguagem - ao infringir leis conversacionais ou discursivas - e, num segundo momento, referem-se a dificuldades semânticas, envolvendo relações de sentido, o que caracteriza seu quadro como de ordem semântico-pragmática.

3.1.2- O processo de construção da significação:

Como dissemos anteriormente, a partir da concepção de linguagem aqui adotada, podemos incorporar outros aspectos no estudo da linguagem patológica no campo da Neurolinguística, inserindo conceitos produtivos, como os de **atividade** e de **trabalho**, para analisar dificuldades linguístico-cognitivas em sujeitos cérebro-lesados.

A noção de língua como código, do modo que tem sido utilizada pela Neurolinguística tradicional, não se ajusta a este ponto de vista, pois não leva em conta o fato de que a linguagem "está sempre a produzir "uma sistematização aberta", consequência do equilíbrio entre duas exigências opostas: uma tendência à diferenciação, observável a cada uso da expressão, e uma tendência à repetição, pelo retorno das mesmas expressões com os mesmos significados presentes em situações anteriores", (Geraldí, 1991:12). Se a língua é tomada como forma de **atividade**, esta atividade deixa de ser de apropriação, caracterizando-se, assim, como **atividade constitutiva**. Possenti (1986), enfatiza que é nessa atividade que o sujeito se constitui enquanto tal.

"Benveniste (1970:14) define, como se disse, a enunciação como processo de apropriação da língua. É exatamente em relação ao termo apropriação que se quer aqui marcar uma diferença: não se trata de apropriação, através de um aparelho de enunciação, mas de constituição, em qualquer instância, de enunciados. O termo apropriação implica numa atividade com a língua, e que se quer marcar aqui como distintivo, com o conceito de constituição, é que esta atividade é, sim, realizada com a língua, mas é realizada, também em relação a língua, sobre a língua." (Possenti, 1986:65).

A noção de trabalho vem do fato de os interlocutores não serem indiferentes em relação à escolha dos recursos expressivos. Eles exercem um trabalho na construção de sentidos, sendo o material deste trabalho "...a língua que "resultou" dos trabalhos anteriores. Nossas operações de construção de textos ou discursos operam com tais recursos linguísticos, e com outros recursos da situação, e seu retorno em cada acontecimento discursivo não se dá sem as marcas de suas presenças em acontecimentos anteriores. É porque o retorno é visto como retorno do mesmo, que a primeira percepção ingênua que se tem da língua é de um sistema estruturado, fechado, cuja aprendizagem se daria por uma espécie de "apropriação" do sistema; é porque em cada discurso as expressões adquirem sentidos diferentes que outra percepção ingênua toma os recursos expressivos como "sem qualquer sentido", este sendo apenas o produto de um discurso que, acontecendo, apaga-se", (Geraldí, 1991:11). Este trabalho com a língua, ao contrário, possibilita as várias construções de sentido que vão se constituindo historicamente configurando uma tendência na língua para "uma sistematização aberta", (Geraldí 1991).

Nesta dissertação, portanto, a língua é vista como um sistema relativamente indeterminado que vai se constituindo através do trabalho que os falantes fazem com e sobre ela. Para melhor explicitar este conceito, recorro a Geraldí (1991):

" A noção de indeterminação que se assume aqui é a assunção radical de que os recursos expressivos usados nos processos interativos são, em si sós, insuficientes para a identificação tanto dos objetos referidos (realidade factual do mundo) quanto dos sistemas de referências que se presentificam em cada interlocução. Como é a dinâmica do trabalho linguístico, que não é nem um eterno recomeçar nem um eterno repetir, que é relevante: por ele a linguagem se constitui marcada pela história deste fazer contínuo que está sempre constituindo. (Geraldí, 1991:11)

Mais adiante:

"Como o trabalho linguístico é contínuo, realizados por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos, em diferentes formações sociais, dentro dos quais diferentes sistemas de referência se cruzam (e se digladiam), a língua que se vai constituindo mantém-se porque se modifica. É neste sentido que a semântica de uma língua é relativamente indeterminada. (Ibiden, 1991:14)

Ora, se se entende linguagem como trabalho, espera-se que se leve em conta na explicitação da significação o conjunto de fatores que aí interferem: é de se considerar em que circunstâncias e condições de produção foi dito o que foi dito; qual é a situação discursiva e que contexto linguístico foi utilizado para se expressar dessa e não de outra maneira. Tanto o contexto como a situação discursiva são os elementos básicos para o estudo das diversas ações que se praticam com a linguagem.

Além da noção de atividade e de trabalho , um outro elemento de extrema importância para o estudo da significação é a de sistema de referência, pois sem ele seria impossível a relação entre a língua e o mundo.

" O sistema de referência é uma construção histórica elaborada linguisticamente, que se destina exatamente a evitar que se tenha que recorrer ao mundo para interpretar expressões linguísticas, mas podendo, mesmo assim, fazer alguma outra coisa que não seja a saída saussureana de não propor entre a língua e o mundo nenhuma relação(...). Sendo as línguas em parte diferentes, o mundo é recortado de formas alternativas, sendo cada uma delas uma forma de conhecimento resultante do trabalho dos falantes da cada língua(...). A noção de sistema de referência é da mesma família a que pertencem noções como formação discursiva, frame e script, entre outros. No sentido de que são domínios de interpretação".(Possenti,1992:164)

Franchi (1976) considera o sistema de referência cultural e antropologicamente constituído, como o "fulcro da semântica de uma língua natural".É nesse sentido que a língua, enquanto sistema simbólico, remete a sistemas de referência que, atuam na língua tomando-a significativa. Sem esta contraparte semântica não haveria possibilidades de se identificar os propósitos que têm o locutor e as repercussões disso na interlocução. Existem vários sistemas e subsistemas de referência atuando na significação de um enunciado. Assim, para um enunciado: "Ana e Maria se casaram", face ao sistema de referência no qual estão inseridos os interlocutores, pode-se interpretá-lo, de acordo com:

Ana casou-se com x (homem)

Maria casou-se com y (homem)

De acordo com um determinado sistema de referência, por exemplo, pode estar excluída a interpretação, "Ana casou-se com Maria". Já para um outro sistema de referência, esta pode ser a interpretação mais usual. O sistema de referência é uma construção social, variando conforme o lugar social no qual os interlocutores estão

inseridos, e segundo o modo como tal sistema é compartilhado entre eles. Os universos de referências são, então, fatores fundamentais para que a linguagem seja uma atividade significativa,(Geraldi, anotações em aula).

No que se refere ao conceito de discurso, adotamos a perspectiva de Maingueneau, ou seja, discurso como um ponto de vista, a partir do qual se produz e se interpreta a linguagem,(Maingueneau, em conferência proferida no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 1994), em outras palavras, uma AD que considera o ponto de vista como criador do objeto linguístico; o discurso como lugar de enunciação e um modo de organização textual. "Dentre as múltiplas abordagens possíveis de AD, esta é a que se relaciona com os propósitos de se estudar alterações linguísticas de sujeito cérebro-lesados."(Coudry, 1994)

3.1.3- A construção do discurso e dos lugares de enunciação:

O discurso verbal de R, por não incluir determinados conteúdos semânticos, como por exemplo, os pressupostos, as inferências, o conhecimento prévio, etc., revela um estilo impessoal, marcado por sentidos cristalizados. R desconsidera os mecanismos que marcam a heterogeneidade, não conseguindo, desta maneira, construir e/ou reconhecer o sentido de certos enunciados. A partir dos pressupostos teóricos descritos acima é que se pretende estudar, através de uma abordagem Neurolinguística, as dificuldades linguísticas de R, relativas à incorporação destes fatores pragmáticos e semânticos. Para isso, sirvo-me de procedimentos avaliativos que expõem as implicaturas contidas em sua fala, e tento investigar como ele dá conta de padrões inferenciais contidos em um enunciado, recorrendo à noção de coerência e coesão, na perspectiva de Koch e Travaglia, (1989).

"A coerência teria a ver com a "boa formação" do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com qualquer idéia assemelhada à noção de gramaticalidade usada ao nível da frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação em termos de interlocução comunicativa. Portanto, é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto... Como se percebe, a coerência é, ao mesmo tempo, semântica e pragmática... Paralelamente, a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto... É nitidamente sintática e gramatical, mas também é semântica, pois como afirma Halliday e Hasan (1976), a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e um outro elemento que é crucial para a sua interpretação."(Ibiden, 1989:11)

Como o trabalho linguístico que R passa a exercer após a lesão é deficitário em vários pontos, estes conceitos são de extrema importância para a análise de dados. Veremos que nos dados obtidos através da versão protocolar aplicada a R há várias dificuldades em seu discurso verbal, envolvendo relações de sentido que ele estabelece ou deixa de estabelecer. Ou seja, R falha naquilo que é relativo à coerência e à coesão.

O sentido de um texto é alcançado quando, no processo que relaciona texto e usuário numa dada situação, for possível calcular a sua coerência. Segundo Koch e Travaglia (1989), o estabelecimento da coerência depende:

- do conhecimento e uso dos elementos linguísticos, bem como da organização destes elementos numa cadeia linguística;
- do conhecimento de mundo e de como este conhecimento é partilhado pelos interlocutores;
- do contexto e da interação entre os interlocutores.

É através da produção de inferências, processo em que se permite estabelecer relações entre elementos explícitos e elementos implícitos no texto, que os falantes da língua constroem relações de sentido. O processo de construção do sentido, então, vai depender largamente das inferências que o interlocutor constrói ou pode construir.

Em resumo, as interpretações de alguns episódios discursivos extraídos de 9 sessões terapêuticas, que iremos analisar oportunamente, serão feitas tendo em conta: o trabalho inferencial - que se faz (ou deixa-se de fazer) com a língua - necessário para permanecer em certas configurações textuais, como piadas e fábulas; os elementos que garantem - ou deixam de garantir - a coerência em um texto oral e escrito, tais como: a topicalização, o planejamento e a progressão temática e, por último, o manejo polifônico - que se faz (ou se deixa de fazer) com as vozes presentes nos enunciados - na elaboração de um enunciado.

Um conceito que tem se revelado produtivo para a análise de dados é o de polifonia. A incorporação desse conceito foi motivada para dar conta de certos fatos de linguagem, marcados pela noção de heterogeneidade: esta é uma das características das línguas naturais, tal como foi apontada por Bakhtin (quanto à historicidade e à natureza dialógica da linguagem) e pela psicanálise, (quanto à potencialidade do significante na produção de sentidos). Tal noção põe em jogo o componente de alteridade da linguagem.

"Para Bakhtin, há uma categoria de textos, e notadamente de textos literários, para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras, (...) entendendo por isso que o autor assume uma série de máscaras diferentes." (Ducrot, 1987:161)

Tendo em vista este conceito, Ducrot (1989), então, passa a desenvolver, a noção de polifonia, ao descrever a presença de duas vozes, em um enunciado, para

dar conta de certos fatos enunciativos. Ou seja, Ducrot passou a questionar o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz, a de seu locutor. Para ele, o enunciado apresenta "autor(es) eventual(ais) da enunciação", podendo-se distinguir, entre estes sujeitos, dois tipos de personagens: os *locutores* e os *enunciadores*.

O objetivo de integrarmos esta noção ao nosso quadro teórico de referência é poder analisar como um enunciado assinala a superposição de vozes e com qual delas a significação que R produz se identifica. Vejamos como Ducrot define estes dois personagens:

"Por definição, entendo por locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que se refere o pronome eu e as outras marcas da primeira pessoa(...) Chamo de "enunciadores" estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se elas "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras."(Ducrot, 1989:182/192)

Esta distinção entre locutores e enunciadores é de extrema importância para a análise dos episódios linguísticos de R. Enquanto que os *enunciadores* são seres cujas vozes estão presentes na enunciação, mas, de certa maneira, não se comprometem com este dizer, apenas expressam seu ponto de vista, o *locutor* é responsável pela sua enunciação, sendo o "autor" deste dizer.

Assim, os conceitos de coerência e coesão (Koch, 1989), de implícitos (Ducrot, 1975/1987) - cujas violações⁴ levariam ao rompimento do diálogo estabelecido

⁴ No caso de R, esta violação muitas vezes se dá, por não incorporar em sua fala: a) a proposta sugerida por um texto, em relação a um determinado direcionamento inferencial; b) o que está implícito em um enunciado, ou seja, o que está pressuposto e/ou subentendido numa determinada situação discursiva, mesmo que estas inferências não

entre os participantes de uma situação comunicativa - e de polifonia, serão fundamentais para o entendimento das alterações linguísticas apresentadas por R.

3.2- PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA:

3.2.1- Avaliação por princípios protocolares.

A avaliação de linguagem assumida neste trabalho consiste na adoção de alguns princípios protocolares, teoricamente motivados, baseados em situações discursivas de uso social da linguagem, a partir do que se elabora um diagnóstico neurolinguístico (em cerca de seis sessões) submetido a várias reavaliações, durante o seguimento longitudinal.

Quando fizermos referência a procedimentos da neurolinguística tradicional é em função dos conceitos teóricos de que ela se utiliza para elaborar seus procedimentos avaliativos e terapêuticos. O que se observa, neste contexto, é a adoção de uma teoria de linguagem - embora nem sempre explícita - cujos conceitos provêm do estruturalismo. Refiro-me, por exemplo, ao quanto de problemático foi, e ainda é, para a patologia da linguagem em geral, tomar a língua como sinônimo de código, pois vários fatos importantes de linguagem, alterados em sujeito cérebro-lesados, ficam, assim, excluídos.

Um dos objetivos centrais deste trabalho é analisar neurolinguisticamente os dados relativos à aplicação de uma versão protocolar, discursivamente orientada, na avaliação e intervenção terapêutica proposta para R. Tanto a avaliação de linguagem quanto o programa terapêutico são, pois, elaborados levando em conta o funcionamento e o uso social da linguagem. Do modo como procedemos, investigador e paciente exercem o papel efetivo de locutor e interlocutor, mesmo que de modo

coincidam com aquelas socialmente construídas e com seu conhecimento de mundo; c) um planejamento e uma progressão temática assegurando, assim, um determinado cálculo da significação.

fragmentário, na reelaboração de processos de significação, levando em conta os efeitos linguísticos e discursivos do que dizem, deixam de dizer ou apresentam dificuldades para dizer.

3.2.2- Princípios protocolares:

Como já dissemos, este trabalho adota uma teoria de linguagem que parte do princípio de que a língua é um sistema indeterminado e é na relação de interlocução que ela vai se constituindo, marcada, sempre, pela historicidade e pelo trabalho linguístico. Assim, para se produzir sentido numa situação dialógica, o falante usa determinados recursos expressivos discursivamente motivados - tais como os elementos inferenciais; os pressupostos e os subentendidos; os elementos coesivos e de coerência textual, no que se refere a topicalização, planejamento e progressão de um determinado tema; os elementos de heterogeneidade, no que diz respeito às vozes contidas em um enunciado.- Na perspectiva de Possenti:

"...há mais processos linguísticos de construção de significação do que possa imaginar a linguística das formas. O objeto de uma teoria do discurso deve ser, então, bem diverso do de uma teoria da gramática, não só pela tomada em consideração ao contexto, mas também pela consideração do enunciado linguístico em sua materialidade total, visto que é com ele que os ouvintes operam, e não apenas com os elementos pertinentes ou distintivos."(Possenti, 1986:69)

Baseados nesta teoria de linguagem, elaboramos princípios protocolares que orientam a construção de procedimentos avaliativos e terapêuticos, formulados a partir de diferentes configurações textuais, tais como fábulas, piadas e relatos, de que participam investigador e paciente. Às vezes, mais de um investigador e paciente participam de uma sessão. É o caso, por exemplo, de atividades que envolvem

recontagem (de piadas, histórias, fábulas, etc.) ou discurso procedural (dar e seguir instruções). Cada configuração textual contribuirá distintamente, tanto para a avaliação de linguagem como para a intervenção terapêutica. A contribuição está nos diferentes trabalhos de linguagem que os sujeitos fazem na utilização destas configurações.

Cada configuração textual possui, portanto, um corpo específico, ou seja, para cada uma delas, os sujeitos, em geral, exercem um trabalho linguístico específico. Não se pode contar uma piada da mesma maneira que se conta uma fábula. São estes vários modos de organização textual, propiciados pelos diferentes expedientes linguísticos, que nos interessam investigar, tanto do ponto de vista da avaliação, como do ponto de vista terapêutico. O que a prática clínica, no interior desse quadro teórico, revelou foi que muitos dos instrumentos avaliativos tornaram-se produtivos para a intervenção terapêutica.

A concepção de linguagem que orienta este trabalho pode ser sintetizada recorrendo-se à proposta de Coudry:

" Devo rejeitar uma concepção de teoria linguística que, por razões metodológicas, exclua os aspectos históricos e sociais da linguagem, ou seja a atividade do sujeito na situação efetiva da fala. É necessário, portanto, superar dicotomias como língua e fala, sistema e uso, competência e performance para integrar em uma concepção abrangente de linguagem o seu funcionamento, na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeitos, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade."(Coudry, 1986:47)

Desse ponto de vista, tanto o locutor como o interlocutor trabalham distintamente para a construção do sentido. "Enquanto que o primeiro fornece pistas, o segundo recolhe essas pistas e adiciona outras, a fim de construir uma interpretação para a fala

do locutor", (Bandini, 1991:129). Nesse processo de interpretação, o que faz o interlocutor não é apenas "decodificar" ou "interpretar" mecanicamente a fala do locutor, mas, através de um processo de construção da significação, no qual, não só reconhece os propósitos do locutor, como também os "constrói", independentemente do sentido corresponder ou não às intenções locutor.

3.2.3- Três tipos de configuração textual:

Como já dissemos anteriormente, os recursos expressivos utilizados nas diferentes configurações textuais caracterizam-se por um certo modo de mobilização, cuja significação não pode ser calculada "pista a pista", mas cada pista no conjunto de propriedades de cada configuração textual.

Assim, nos protocolos de avaliação considera-se o conjunto da situação de enunciação - como o lugar⁵ e a cena enunciativa (um dos elementos que dá forma ao discurso) (Maingueneau, 1989) - para saber quando e como o sujeito se relaciona com aquilo que enuncia. Pode haver, ou não, uma relação entre situação enunciativa e enunciador, e esta relação (ou a ausência dela), é que determinará a maneira pela qual o sujeito atua no exercício da linguagem. Ora, se o "como dizer", segundo Maingueneau (1987), tem que estar adequado ao conjunto de fatores do "ritual de enunciação", cada configuração textual, utilizada neste trabalho, tem presente um certo tipo de gênero discursivo, que, por sua vez, é utilizado pelo sujeito que enuncia. O gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. Estas não são "circunstâncias" exteriores, mas pressupostos que o tomam possível", (Maingueneau, 1989:36). Estes gêneros são tão obrigatórios para as formas discursivas, como o são o léxico e a gramática para as formas linguísticas e, ambas

⁵ " Um conceito de lugar "cuja especificidade repousa sobre esse traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa". (F.Flahault, op.cit.,p.58)(Maingueneau, 1989:32). Segundo este conceito, é através do lugar ou da posição que o sujeito ocupa, que ele se constitui enquanto tal.

essas formas são necessárias para que haja uma intercompreensão. Os gêneros variam conforme o lugar, a época. Segundo Todorov (1980), o gênero discursivo existe como instituição e, como qualquer instituição, os gêneros evidenciam os aspectos constitutivos da sociedade à qual pertencem. Ou melhor, os gêneros acontecem conforme os lugares sociais de produção de discurso; eles se "comunicam" com a sociedade em que ocorrem. A noção de gênero discursivo, então, será de extrema importância para compreendermos alguns dos problemas linguísticos que R apresenta. Veremos, mais adiante, que R revela alterações na organização textual, violando propriedades discursivas de cada configuração textual. É o que R faz, por exemplo, quando muda de tal modo a piada, que a transforma numa narrativa sem humor. Recorro a Bakhtin para explicar estes "arcabouços" textuais acima mencionados, em que emergem os diferentes gêneros discursivos: —

"Nos expressamos mediante determinados gênero discursivos, quer dizer, todos os nossos enunciados possuem formas típicas para a **estruturação da totalidade**, relativamente estáveis. Dispomos de um rico repertório de gêneros discursivos orais e escritos. Na prática, utilizamo-os com segurança e destreza, mas teoricamente podemos não saber de sua existência. Igual a Jourdain de Molière, que falava em prosa sem suspeitá-lo, nós falamos utilizando diversos gêneros sem saber de sua existência... Quanto melhor dominamos os gêneros discursivos, mais livremente o aproveitamos, tanto maior é a plenitude e clareza de nossa personalidade que se reflete neste uso (quando é necessário), tanto mais plástica e agilmente reproduzimos a irrepitível situação da comunicação verbal; em uma palavra, tanto maior é a perfeição com a qual realizamos nossa livre intenção discursiva."(Bakhtin, 1979/1985: 267/268)

Levando em conta esta relação entre configuração textual e gêneros discursivos, investigamos como os sujeitos cérebro lesados se relacionam (ou não) com aquilo que

enunciam e propomos uma avaliação de linguagem que considera diferentes configurações textuais, como os relatos, as fábulas e as piadas, "para provocar a exibição de dificuldades linguísticas e de outros sintomas cognitivos correlacionados" (Coudry & Gandolfo, 1994)

-relatos: É importante esclarecer que o relato não é entendido, aqui, como tendo uma configuração textual própria, tal como a fábula ou a piada. O relato, como o diálogo, é um modo de funcionamento do discurso oral. Nos relatos, o sujeito/enunciador participa da situação enunciativa, ou seja, ele fala de um determinado lugar, que corresponde a uma certa cena enunciativa. As marcas de primeira pessoa sempre estarão presentes, podendo, segundo Ducrot (1986), o sujeito que as utiliza, ser caracterizado como locutor. Existe, também, uma concordância entre o tempo de enunciação e o tempo do enunciador: o enunciador relata o seu tempo. Esta é uma das características do gênero discursivo, criar o tempo e o espaço que o legitimam. Os gêneros acontecem conforme os lugares sociais de produção de discurso e, este lugar, no caso do relato, é o mesmo de onde fala o sujeito que enuncia.

Assim, chamamos de relato os fatos contados relativos à vida pessoal, às notícias ouvidas de um telejornal, à re-contagem de um filme, etc. No que concerne aos relatos temos como objetivo avaliar a linguagem em contextos narrativos e dialógicos.

-fábulas: Diferentemente dos relatos, as fábulas, como os provérbios, são configurações textuais que apresentam um distanciamento entre aquele que enuncia e a situação enunciativa (lugar e cena enunciativas). O sujeito que enuncia, neste caso, não participa do lugar de enunciação. O seu lugar é outro e é deste outro lugar que enuncia fatos relativos a outros enunciadores, que participam de uma dada situação enunciativa, que não é aquela vivida por ele (locutor). Se os lugares sociais de

produção de discurso é que criam os gêneros, então, este lugar, no caso das fábulas, é criado através do deslocamento entre o lugar do sujeito que enuncia e os lugares assumidos pelos enunciadores presentes na fábula. O sujeito, neste caso, fala na voz de um narrador. Este narrador narra, - a partir de um outro lugar e de um outro tempo (quase sempre o pretérito) - os acontecimentos relativos a enunciadores que atuam em uma determinada situação enunciativa da qual o sujeito narrador está excluído.

As fábulas e os provérbios, por terem uma estrutura textual muito peculiar, assentadas em conhecimentos linguístico-cognitivo-culturais, exigem um trabalho inferencial, sem o qual não é possível alcançar o seu sentido. "No provérbio "nem tudo que reluz é ouro" não se trata do valor do ouro, mas das qualidades do homem; interpretar literalmente o provérbio, implica não entendê-lo. O mesmo podemos dizer das fábulas, cujo sentido não se resume à história de algum episódio da vida dos animais, mas consiste em revelar aquelas relações que constituem o sentido do significado moral da fábula. Neste caso, a figura ou metáfora é o traço fundamental dessa forma de obra de arte, sendo exigência básica da interpretação a passagem do conteúdo externo para o sentido interno", (Luria, 1979:90). O objetivo em se trabalhar com as fábulas é porque elas encerram uma imposição de leitura e um direcionamento para uma processo inferencial característico desta configuração textual.

-piadas: Na piada, existe, também, um distanciamento entre enuncrador, e o lugar de enunciação. Quem enuncia, por não fazer parte, nem do lugar, nem da cena enunciativa, fala, também, pela voz de um narrador. Porém, diferentemente da fábula, este narrador toma o lugar de um enuncrador, na forma de um personagem. Ou melhor, o narrador, ao contar uma piada, dá voz a um dos enunciadores que estão presentes na situação de enunciação - ele passa a assumir a voz de um enuncrador como se fosse a sua, com todos os valores e tabus da cultura na qual este está

inserido⁶ - fazendo uma adaptação do seu lugar de enunciação àquele assumido pelo personagem. Na piada tem que haver uma concordância entre o tempo de enunciação do narrador e o a do personagem, e de ambos com o lugar de enunciação. Desta maneira o narrador, junto como os outros enunciadores, participam da cena enunciativa.

Como nas fábulas, as piadas também mantêm uma imposição de leitura, trazendo para o seu interior deslocamentos de frames e de scripts. O leitor ou interfocutor diante desta configuração textual, tem apenas um tipo de interpretação. Por outro lado, o investigador tem um maior controle sobre a organização textual que o sujeito faz ao recontar uma piada. "A capacidade de controle, no caso, é a apreensão do efeito de humor; se tal efeito não se produz, não é "sacado", pode-se ter razoável certeza de que o texto não foi interpretado, pelo menos segundo ele demanda", (Possenti, 1988:112). Na piada não existe um autor. O locutor tem a função de passá-la adiante para mantê-la em circulação. Assim, o objetivo em se trabalhar com piadas é que elas encerram grande quantidade de material linguístico "revelador de normalidade e déficit" (Possenti & Coudry, 1990), que se apresenta muito mais concentradamente neste tipo de expediente do que em conversas usuais, (Barrella & Bandini, 1991).

É importante esclarecer que tanto a narrativa como a descrição não serão analisadas como uma configuração textual em si, pois são configurações, muitas vezes, contidas em outras configurações, como nas fábulas e nas piadas, que analisaremos no próximo capítulo.

Grosso modo, a avaliação neurolinguística, a ser detalhada na análise de dados, revelou, inicialmente, alterações relativas ao nível pragmático da linguagem. Com a

⁶ "Os contadores e ouvintes de piadas são obrigados a conhecer as questões culturais e ideológicas mais problemáticas e complexas da sociedade, sem as quais as piadas não teriam razão de ser e nem conseguem ser interpretadas, porque estes ingredientes são fundamentais, (Coudry & Possenti, 1993:48).

introdução das piadas no protocolo, apareceram sintomas que podem ser caracterizados como semântico-pragmáticos. R apresenta dificuldades tanto de compreensão como de utilização da linguagem quando esta diz respeito aos elementos implícitos da língua (Ducrot,1984/1987) ou ao sub- texto (Koch,1989); apresenta dificuldade em mudar de registro para falar com outros interlocutores numa determinada situação discursiva (Ducrot, 1984/1987). Isto acontece, principalmente, quando R tem que diferenciar as vozes contidas dentro de uma configuração textual específica e entre elas saber que lugar ocupa a sua-; apega-se a uma única direção argumentativa, geralmente aquela mais ligada ao seu conhecimento enciclopédico e sistemas de crenças. Por mais que a situação demande que ele mude a direção do sentido, em virtude da conclusão a que se quer chegar, não consegue. Fica, assim, prejudicado o trabalho inferencial - que tanto ele como o investigador têm que fazer - para que faça sentido o que diz.

Aponto estas questões, sem, no entanto, tentar esgotá-las neste trabalho; porém, elas adquirem um papel importante no tipo de reflexão que nele se faz. Teremos a oportunidade de ver, no próximo capítulo, que muitos problemas associados ao comportamento podem ser reinterpretados como sendo linguísticos, a partir de uma certa concepção de linguagem (Franchi,1976/1977). Esta concepção entendida aqui como ação - sobre o outro e sobre o mundo -, como processos criadores e constitutivos que organizam a experiência, pode mudar a visão que se tem sobre os aspectos linguísticos envolvidos na SF, reexaminando o conjunto de sintomas desta síndrome.

**4- ANÁLISE DE
DADOS.**

Como pudemos ver no capítulo anterior a zona pré-frontal do cérebro seria responsável pela localização das funções de programação, regulação e controle das atividades como propõe Lúria (1979). Para este autor, não se localiza a linguagem numa parte específica do cérebro nem em algum outro lugar no sistema nervoso, apesar de a linguagem ocorrer com a indispensável participação de uma rede altamente plástica de células neuronais, (Gandolfo e Magro, 1992).

Num quadro patológico responsável por certas seletividades, tanto o funcionamento discursivo como a relação com o funcionamento da vida mental - que por sua vez, também, está alterado - é possível, pelas alterações e mesmo pela reorganização da linguagem, estudar o funcionamento da vida mental. Vamos poder observar, a partir da análise de dados, um uso social inadequado de linguagem e, também, um comportamento inadequado. Existe uma íntima relação entre o que R diz e o que R faz, devido à patologia da qual ele é portador. Síndrome Frontal Leve ou Afasia Semântico-Pragmática, como está sendo interpretado os problemas linguísticos de R, afeta, grosso modo, a relação entre a linguagem e a ação do sujeito sobre o outro e sobre o mundo. Isto porque pensamos nas atividades humanas como "ações reguladoras linguísticas e cognitivas - refeitas a cada instância discursiva", (Morato, 1991). Como a perspectiva Neurolinguística que adotamos integra em seu corpo teórico a noção de linguagem como **trabalho constitutivo**, e de língua como **sistematização aberta**, a atividade linguística conta com uma região de indeterminação, o que faz com que a significação seja construída no próprio acontecimento discursivo. (Pêcheux, 1983/1990)

Vejamos, agora, através o quadro teórico descrito anteriormente, como podem ser analisadas as dificuldades linguístico-cognitivas de R e, também, sua evolução durante o período aproximado de um ano (de setembro de 1991 a dezembro de 1992).

Neste capítulo, analisaremos três tipos de configurações textuais: os relatos, as fábulas e as piadas. Iniciarei com os relatos fazendo uso da noção de progressão, planejamento e de topicalização (Koch e Travaglia, 1989) no sentido de mostrar como a fala de R prescinde de tais elementos, o que dificulta o entendimento por parte de seu interlocutor. Estas noções incidirão diretamente nos conceitos de coesão e coerência, possibilitando a análise dos aspectos pragmáticos dos enunciados que constituem o discurso (o discurso assentado em uma base de pressupostos que são armazenados em função da experiência de vida de cada indivíduo e compartilhado, pelos interlocutores, na situação discursiva). Para interpretar, e também produzir enunciados interpretáveis, é necessário um ajuste de pressupostos de conhecimento. A interpretação se faz, como já foi dito anteriormente, através da coesão e coerência textual: na topicalização, no planejamento e na progressão de um determinado tema. São estes pontos, justamente, que estão alterados no discurso de R.

Para dar início às análises, apresentaremos um dado em que R não consegue ficar no tema central que elegeu, deslizando, pois, para assuntos periféricos.

RELATOS

Numa das primeiras sessões (28/08/91), R se queixa da desorganização de suas atividades em geral. Diz que em casa é muito desorganizado, desordeiro e não consegue realizar tarefas quando elas têm uma certa sequência esperada em relação ao seu contexto familiar, como dar banho nos filhos, dar o jantar e ajudá-los a fazer a lição. Quando R relata estas dificuldades, é possível perceber que acaba sobrepondo uma tarefa à outra. Vejamos como isto acontece no diálogo abaixo.

(01)

R.: Realmente, embora tenha sido gerente de uma multinacional, a nível Nacional, mas americana, que é conhecida pela sua organização, em casa sou um fiasco, nem para faxineira eu sirvo.

INV.: Por que?

R.: Porque eu não consigo organizar todas as tarefas domésticas de maneira que não sejam problemas do tipo, a B a ... a professora da B. já deu a entrevista com a F, particularmente ela chamou a F porque razão eu não sei. Eu não fui chamado nesta entrevista de avaliação. B está no primeiro ano primário.

Esse exemplo nos parece interessante para mostrar a existência de um paralelo entre a desorganização nas atividades cotidianas e na atividade narrativa: a mesma dispersão que dificulta a sequência de suas atividades domésticas, dispersão que pode, também, ser justificada pela sua própria patologia, caracteriza seu relato. -

Veja-se que R não explicita o tipo de problemas que se propõe a descrever, fazendo com que o exemplo a que recorreu tome o lugar do tópico central, ou seja, a conversa particular entre a sua esposa e a professora da filha. O interlocutor infere, então, que esta entrevista refere-se a algum problema de sua filha na escola, decorrente de sua desorganização. Mas não é nisto que a pergunta do interlocutor incide, e R não retoma o tópico central.

Através do trabalho terapêutico tenho tentado entender e controlar estas dificuldades. R, como locutor, se encontra diante de duas possibilidades de temas: 1)relatar a sua desorganização e 2)relatar a repercussão desta desorganização, já que não consegue priorizar qual dos temas deve ser desenvolvido. Ou seja, ele tem diante de si um tema que é a desorganização, predicada como problema (tema central), e

tem ,também, o tema desorganização como um problema factual (tema secundário), como consequência de sua desorganização. Quando a investigadora lhe faz a pergunta "Por que?", R, a princípio, deveria falar sobre a desorganização das tarefas domésticas, mas outros temas se apresentam como concorrentes e ele não tem elementos para priorizar um em relação ao outro, como também de retomar o tema central. A dificuldade da filha na escola, motivo pelo qual a mãe foi chamada para a entrevista é um sub-tópico que se sobrepõe ao tema central "desorganização". Faz parte do quadro patológico de R uma certa desorganização de suas ações cotidianas, assim como, do ponto de vista linguístico, uma certa desorganização para se referir a estas ações. Essa dificuldade também aparece no próximo exemplo:

1'

[O diálogo referente à desorganização tem a seguinte continuidade discursiva: estávamos conversando sobre sua rotina diária de dar banho nas crianças, dar comida, etc.]

R.: A bagunça é sempre assim...e quando não dá problemas,que tem ocorrido em muitas ocasiões, que as coisas específicas que eles detestam, que não querem, que não querem que ponham, eu ponho eventualmente que tem, tal,eu ponho, daí tal.

INV.: Não entendi nada que você falou, que coisas que eles detestam?

R.: O Pedro, por exemplo, só come verdura e alface, outros tipos de verdura, legumes, para não dizer legumes que não comem, tomate e cenoura, o resto abomina e se sente injustiçado.

Aquí podemos ver que R não consegue definir um tópico, perdendo-se no planejamento de sua fala. É interessante perceber que esse dado nos ajuda a identificar sintomas de uma afasia que atinge o nível pragmático da linguagem. Pela

definição dada por Koch e Travaglia(1989), de coerência e coesão, podemos perceber que a fala de R apresenta alterações tanto a nível da coerência, como da coesão. Vejamos: pela falta de progressão e de topicalização em sua fala, R impede que seu interlocutor faça inferências, e ,sem elas, fica prejudicada a continuidade discursiva numa certa direção. O interlocutor tem que ficar checando, constantemente, se seus pressupostos e seus subentendidos estão em sintonia entre si. Parece que R, ao pressupor o que seu interlocutor possa inferir de sua fala, acaba alterando, também o curso desta conversação. Quando relata sobre as coisas que Pedro come, diz: "só come verdura e alface", possibilitando , assim, a seu interlocutor pressupor que, das verduras, a única que Pedro come é alface. Porém continuando este diálogo, diz:

"outros tipos de verdura, legumes, para não dizer legumes que não come, tomate e cenoura, o resto abomina se sente injustiçado".

Parece, então, que R permite a seu interlocutor, a princípio, pressupor que Pedro só come, dentro da categoria verduras, alface. Que os "legumes que não come" são : tomate e cenoura, porém acrescenta : "o resto abomina se sente injustiçado". Ao finalizar assim este turno, quebra com a provável inferência do seu interlocutor: Pedro não come verdura que não seja o alface e dentro da categoria legumes, não come tomate e cenoura, permitindo a pressuposição de que come qualquer outro legume. Porém, ao dizer "o resto abomina se sente injustiçado", o que era a princípio pressuposto, torna-se o posto: "Pedro (dentro da categoria legumes) só come tomate e cenoura". No conjunto, dá a entender que Pedro é um menino enjoado para comer, mas faz isso de forma difusa parecendo apontar o que ele come e o que ele não come, classificação que não fica evidente para o interlocutor.

Assim, notamos que as inconstâncias inferenciais de R acabam se transferindo para as inferências que o interlocutor possa fazer de seus enunciados. As

implicações⁷ (Grice, 1982) ficam instáveis, ou seja, quando o interlocutor considera que pode fazer alguma inferência da fala de R, num próximo momento, elas "caem por terra", provocando, assim, incompreensão por parte do interlocutor. Estas estratégias inferenciais são, segundo Ducrot (1987), os mecanismos que o destinatário utiliza para "decifrar" o sentido dos enunciados: "o subentendido diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala".(Ducrot , 1987:42)

Mas, o problema fundamental é saber porque R não consegue que suas palavras, em certas circunstâncias, sejam dotadas de eficácia. O que está em jogo, nesta questão, é: o que a fala de R faz, no interior de um enunciado? (não se tratando mais do que se faz quando se fala). Ou nos termos de Luria:

" Pode-se dizer que, na linguagem dialógica falada, parte considerável da informação transmissível não se manifesta na estrutura gramatical desenvolvida no enunciado, mas "subentende-se", está presente no contexto extralinguístico simprático; a linguagem dialógica falada transmite principalmente o sentido (ou seja, o significado individual correspondente à situação) que é frequentemente incompreensível sem o contexto."(Luria, 1979:68)

O que parece estar alterado, em relação aos exemplos seleccionados, é o planejamento e a direção em que deve caminhar a argumentação de R, dificultando, assim, o cálculo da significação, tanto da sua própria fala, como da de seu interlocutor. É interessante notar que estas "falhas" aparecem por meio de turnos próximos ou concorrentes; ele diz não comem e depois comem, negligenciando o não e afirmando

⁷ Grice faz uma diferenciação entre implicatura e implicação; enquanto a primeira "segue-se" graças a intervenção de um princípio não lógico, ou melhor, uma máxima conversacional, o segundo tem marcado no enunciado a força da lógica na proposição.

o que comem e, finalmente, retornando à negação genérica por meio de o resto abomina.

A partir desta análise, podemos dizer que a falta de topicalização, de progressão textual, a instabilidade no manejo dos elementos inferenciais, contribuem para a falta de coerência apresentada na fala de R e, conseqüentemente, para o fracasso no cálculo do sentido a ser alcançado.

Assim, vejamos mais um trecho de outra sessão feita com R no dia 19/09/91. R estava me contando sobre o que havia escutado em um telejornal e trouxe algumas anotações, que motivaram o seguinte diálogo:

(02)

INV.: Isto daqui é uma notícia sobre economia?

R.: que no jornal, de um telejornal noturno. É um resumo do que eu achei importante para mim guardar, tudo que falava, é isso aí que eu achei importante.

INV.: tá, mas quando a pessoa, que estava falando.

R.: Lilian Witte Fibe.

INV.: então, ela dizia como se fossem manchetes?

R.: Não, ela até, por isso que ela treinado a isso falou uma coisa a mais. O abono até 120 mil cruzeiros é até 16 mil cruzeiros e após, acima de 120 mil, o abono é de 20 mil cruzeiros. Então é detalhes que é... valor pus mais ou menos, tal, e da questão de Ribeirão Preto, que na região de Ribeirão Preto o comércio todo tá acabando com o estoque, reduzindo, redução de estoque, foi a tônica dos empresários, que mudou a maneira de pensar do pessoal que nada de ter o produto na hora para atender o cliente, ... o pessoal fala que quando fala num certo momento, ah é [como se tivesse lembrado], em outras

palavras, reduzir estoques é esperando uma suposta recessão, vamos dizer assim, tal, tal. Estes detalhes é que entremeam este jornal.

É interessante integrar à análise dos dados de R, a "concepção polifônica da enunciação " (Ducrot, 1987), a partir da qual identifica-se uma superposição de vozes, que vão sendo assinaladas no curso de sua enunciação: "a significação contém, pois, por exemplo, uma instrução solicitando que se procure de que lugar fala o locutor."(Ducrot , 1987:170)

Ao iniciar seu turno conversacional com uma negativa, R assume o papel de locutor (L), colocando em cena dois enunciadores, E1 e E2 :

E1: "ela dizia como se fossem manchetes".

E2: negação de E1 , que é assimilado por L.

Através desta negativa, então, percebemos a construção de duas vozes, ou, de dois enunciadores, que emitem diferentes opiniões. Para a primeira opinião, não existe uma coincidência com a do L, porém, é na voz de E2 que L consegue dar seu parecer.

" Não , ela até , por isso que , ela treinado a isso, falou uma coisa a mais" [L].

Nota-se que, quando R assume explicitamente a responsabilidade de sua fala, ao expressar o não, se perde no justificar/argumentar, pois o não nega E1, que é o comentário da terapeuta; R fica buscando várias possibilidades de argumentação e esta busca prejudica a organização do relato. Por ele não ocupar um lugar fixo, como locutor, é que outras vozes ocupam esses lugares vazios, o que torna seu relato confuso.

É importante lembrar, que esta dificuldade de seleção faz parte do quadro semiológico de R. Segundo Lúria (1979) uma lesão no lobo frontal provoca uma perturbação no caráter seletivo de seus impulsos.

Na continuação do diálogo, podemos notar como R modifica sua maneira de dizer, quando a voz pela qual fala é de um enunciador e não de um locutor:

" Não , ela até por isso que , ela naturalmente treinada a isso , falou uma coisa a mais , o abono até 120 mil cruzeiros é até de 16 mil cruzeiros e após , acima de 120 mil o abono é de 20 mil cruzeiros".

Isto, talvez, possa ser explicado pela definição de enunciador que faz Ducrot: "chamo de "enunciadores" estes seres que são considerados como se expressando, através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras", (Ducrot 1987:192).

Ao assumir a voz de um enunciador, R deixa de ser responsável pelo material linguístico utilizado e, por isso, sua fala expressa o ponto de vista do enunciador citado, sem que haja problemas de seleção de como iniciar um enunciado. É importante lembrar aqui que sujeitos portadores de Síndrome Frontal Massiva, como são a maioria dos casos descritos por Luria, apresentam grandes dificuldades em iniciar qualquer tipo de ação, ficando na dependência do modelo do outro. Essa dificuldade que R apresenta, apesar de ser bem mais leve, poderia ser justificada pela sua própria patologia. Quando ele precisa dizer um enunciado em que as palavras usadas são de "elaboração própria", apresenta muita dificuldade em selecionar os vários recursos expressivos possíveis. Por outro lado, dizendo através da voz do outro, torna-se bem mais claro e fluente. Em casos de Síndrome Frontal Severa, segundo Luria, quando se pede para o sujeito executar um pedido, tal como : "levante as mãos e bata palmas", nem sempre este pedido será realizado, sendo necessário, muitas

vezes, o modelo para que o sujeito consiga realizá-lo. Isto porque, como já dissemos anteriormente, o quadro característico da Síndrome Frontal Severa é de grande dinamismo e perda da capacidade crítica. Falamos, acima, que R quando se coloca na posição de enunciador, sua fala se torna mais fluente e quando está no papel de locutor, sua fala é mais hesitante, entrecortada. Isto parece trazer uma provável correlação entre discurso citado e polifonia. Vejamos o que Bakhtin diz sobre o discurso citado:

"...Como sabemos, a unidade real da língua que é realizada na fala (Spreache als Rede) não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a integração de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo. O estudo mais fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é esta recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo. O mecanismo desse processo não se situa na alma individual, mas na sociedade, que escolhe e gramaticaliza - isto é, associa à estruturas gramaticais da língua - apenas os elementos da apreensão ativa, apreciativa, da enunciação de outrem que são socialmente pertinentes e constantes e que, por consequência, têm seu fundamento na existência econômica da uma comunidade linguística dada".(Bakhtin, 1979:145)

Então, se em um enunciado existe uma superposição de vozes e, entre essas vozes, existe aquela com a qual o locutor mais se identifica, poderíamos dizer que esta voz já é aquela que carrega características do discurso citado? Ou melhor, estamos sempre citando discursos já proferidos em outros enunciados? O que parece acontecer com R, é que ao reproduzir um enunciado - quando quer narrar algum fato - o faz mantendo as mesmas palavras que foram ditas quando escutou este enunciado e, dessa maneira, surgem problemas em relação à tarefa interpretativa deste

enunciado, que emerge como uma mera repetição, quando consegue. O que R faz, muitas vezes, em atividade de recontagem, por ter dificuldades enunciativo-discursivas para manejar a complexidade dialógica, é repetir em discurso direto o que é para ser contado; e isto produz efeitos no sentido do relato.

Até agora, então, apresentamos dois exemplos de dificuldades linguísticas, por parte de R. A primeira delas diz respeito aos implícitos da língua, incluindo aí a noção de progressão e planejamento temático, e a outra refere-se ao manejo polifônico dos enunciados, ou seja, como o locutor, ao dizer um enunciado, assinala a superposição de vozes e como este assinalar varia conforme o lugar de onde está falando, e, ainda, como esta condição enunciativo-discursiva tem consequências na construção do sentido. Vimos que no exemplo(3), R enquanto locutor(L), põe em circulação enunciadores: E1, E2,...En. Mas, quando(L) se identifica com um destes enunciadores sua fala torna-se confusa, tensa, hesitante, não conseguindo, muitas vezes, expressar seu ponto de vista. Porém, ao dizer o ponto de vista de um outro enunciador (E), com quem se identifica e cujo dizer assume, acaba citando este dizer. Recorro a Maingueneau (1987), para poder explicitar melhor como esta questão do "lugar" em que o locutor se coloca é de extrema importância para a análise discursiva que estamos fazendo:

" Em geral, e isto desde seu início, a A.D.prefere formular as instâncias de enunciação em termos de "lugares", visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever. Um conceito de lugar "cuja especificidade repousa sobre esse traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior no sistema de lugares que o ultrapassa". Este primado do sistema de lugares é crucial a partir do momento em que raciocinamos em termos de formações discursivas; trata-se, então, segundo o preceito de M. Foucault, de "determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser o

sujeito". Isto equivale a dizer que "a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado."(Maingueneau, 1987:32)

Assumindo esta perspectiva enunciativo-discursiva na análise de dados patológicos, no caso de R, ele apresenta problemas quando tem que ocupar a posição de locutor numa instância discursiva onde, nitidamente, aparecem várias vozes, segundo a definição de Ducrot (1987:192).

Na sessão do dia 23\10\91, R volta a se queixar sobre a sua desorganização, e ao relatá-la deixa transparecer, novamente, a fragmentação deste relato, quando assume o papel de locutor, impossibilitando, assim, que seu interlocutor faça inferências e que, também, se coloque no lugar do outro.

(03)

[Esse exemplo ocorreu quando conversávamos sobre o seu curso na pós graduação e o quanto estava sendo complicado para ele voltar a estudar]

R.: Realmente a coisa é meio complicada, eu cheguei a fazer no ano passado, quer dizer no primeiro semestre deste ano, uma pós, quer dizer , uma disciplina de pós, para poder começar a mexer a cabeça. Sendo a única disciplina , nossa senhora , complicou bastante.

Inv.: Te complicou como?

R.: Assim, eu não, éééé tipo assim, eu me coloquei naaaa, bom..., agora é todo mundo, bom até o ..., o que você está fazendo?; você pretendendo com isso, para que? Como? etc. e tal. Estou criando chinchilas, e que isso tá pretendendo, que serviria, qual a relação direta com que você está fazendo? O que num serve, o que serve, tem que separar o joio do trigo, o importante do que não é importante. E geralmente, e hoje a M. falou é...

Aquí podemos notar, como estando no papel de locutor não consegue selecionar o que vai falar. As possibilidades aparecem como um leque de opções, tudo ao mesmo tempo, não conseguindo falar para o outro. As várias perguntas que se faz revelam que R parece estar "falando" consigo mesmo em voz alta. Não é que isto seja patológico em si; o que é de se estranhar é R fazer isto durante uma atividade dialógica. Voltaremos a este ponto logo adiante.

Poderíamos, então, inferir que esta dificuldade de organização de que tanto R se queixa é devido a uma falha na função reguladora da linguagem? Ou seja, será que devido à lesão de R a linguagem não está mais regulando seu "comportamento", ou, em nossos termos, as ações que se fazem através da linguagem? Para Luria, os lobos frontais têm um importante papel quanto à função reguladora e uma lesão nesta região, certamente afetaria esta regulação. Mas, estudos recentes vem indicando que é possível observar clinicamente sujeitos com lesões em outras zonas do córtex apresentando problemas quanto à função reguladora. Então, o que será específico, quanto à função reguladora, da síndrome frontal?

Retomando a análise do exemplo(03), R ao ser questionado quanto ao motivo de estar cursando uma disciplina no curso de pós graduação, apresenta, no início de sua fala, uma série de hesitações e pausas que prejudicam as prováveis inferências a serem feitas, por parte de seu interlocutor. Outra dificuldade que salta aos olhos, neste exemplo, é o fato de R precisar falar para si mesmo para poder, assim, se organizar. A alternância entre eu/você, para se referir a si próprio, no exemplo (03), mostra um lugar que o outro ocupa numa instância de enunciação: "você" é como o outro se referiria a R. Parece que para se organizar e responder à pergunta feita pela investigadora (te atrapalhou como?) R necessita formular verbalmente "você". Assim, trava um diálogo consigo mesmo de questionamentos e se afasta da proposta discursiva. Uma das

características apresentadas por Luria a respeito da Síndrome Frontal é a diminuição da consciência crítica, que tem sido interpretada pela literatura tradicional como problema relativo ao comportamento. É interessante perceber que R, ao se colocar para responder a pergunta feita pela investigadora, não consegue organizar um relato e não consegue desvincular-se do discurso direto, que ora emerge na primeira pessoa (eu) e ora na segunda pessoa (você). Este diálogo interno, que R trava consigo mesmo, indica que a função auto-reguladora e reflexiva da linguagem (Luria,1986) parece estar comprometida. Parece que a diminuição da consciência crítica que a Síndrome Frontal provoca, no caso de R, faz aparecer, em voz alta, um diálogo interno que assume uma proporção maior do que a proposta discursiva do interlocutor, na qual ele está preocupado como sujeito discursivo. O efeito discursivo dessa dificuldade é, pois, a natureza digressiva que este episódio apresenta.

FÁBULAS:

Vamos, novamente, mostrar outras situações discursivas em que R apresenta tanto dificuldades com os implícitos da língua, como também, com a polifonia contida nos enunciados. Para enfrentar as dificuldades específicas de R inserimos em seu programa terapêutico a recontagem de fábulas, justamente porque a fábula possui uma configuração textual que exige tanto um trabalho inferencial, quanto um manejo enunciativo em relação à polifonia. Na mesma sessão do exemplo (03), 19/09/91, lemos uma fábula: "O falcão e a galinha" (anexo 2) que é um diálogo em que o falcão, indignado com o comportamento da galinha, não consegue entender como ela, levando "uma vida de corte", consegue estar tão triste.

É de se esclarecer que lemos a fábula no fim de uma sessão e, na sessão seguinte, R trouxe a recontagem por escrito (exemplo 04). Feita a leitura pedi para que me contasse o que havia entendido sobre a moral da fábula:

(04)

R.: Atrás ou antes das aparências nobres, existe um trabalho de preparo, de organização, para que tudo aconteça conforme nós estamos vendo.

Enquanto que a moral é:

"quem ambiciona a vida da corte não consegue perceber as inconveniências que existem nela".

INV.: R. eu não entendi, se eu fosse explicar a moral diria: "aqueles que pensam que vida na corte é só moleza, não sabem sobre as dificuldades que passa quem está lá dentro".

R.: é exatamente isso!

Parece que R, ao tentar explicar com suas palavras aquilo que entendeu da moral da fábula, não consegue separar o que é da fábula e o que faz parte de seu sistema de crenças, fazendo uso de frases feitas e de clichês: "atrás das aparências nobres é necessário muito trabalho". Mas, ao dizer que "atrás das aparências é necessário um trabalho de preparo, de organização...", qual seria o preparo ou a organização que a galinha poderia fazer na corte, já que o seu fim sempre é o caldeirão? O que será que R está querendo dizer com preparo e organização "para que tudo aconteça conforme nós estamos vendo"? Para o falcão, que está de fora da corte, a imagem da galinha é de vida fácil, comida farta, etc. Porém, ao tentar explicitar a moral da fábula deixa "escapar" um comentário que é um convite à digressão em relação ao sentido da fábula. Quanto à questão da confabulação e da digressão remeto a Morato e Coudry (1991):

"Considerar a confabulação e a digressão como fenômenos que fazem parte do funcionamento da linguagem, mesmo que o primeiro ocorra sob condições patológicas, é questionar de maneira frontal uma lógica semanticamente estável ou normal em relação à significação.(...) Não pretendemos apagar os aspectos patológicos que a confabulação envolve (a atenuação do papel estruturante e organizador da linguagem é sua característica fundamental), mas sim , delimitá-la no interior do funcionamento da linguagem, levando em conta o caráter dialógico de sua iniciativa."(Coudry e Morato,1992:647)

Faz parte da intervenção terapêutica mostrar a R suas dificuldades, explicitá-las, saber qual foi o seu problema, como por exemplo acontece, quando a interpretação que faz da fábula não coincide com a sua moral.

Vamos tentar, agora, explicitar quais são as marcas na linguagem de R que possibilitam este tipo de interpretação:

R parece exercer o trabalho inferencial e interpretativo a partir de um sistema de referência distinto do que a fábula propõe. Ao dizer: "atrás ou antes das aparências nobres, existe um trabalho de preparo, de organização, para que tudo aconteça conforme nós estamos vendo ", quando a moral era: "quem ambiciona a vida da corte não consegue perceber as inconveniências que existem nela", trabalha com outras relações de sentido que não as dessa fábula, ou seja, através da moral que a fábula propõe é possível pressupor:"que a vida da corte não é tão fácil assim, como também subentender que "as aparências enganam". Porém, o que é possível subentender, através de seu relato da fábula, é outra coisa: "para ser nobre precisa dar muito "duro" na vida", ou, " é com trabalho que chegamos lá", o que não vai de encontro com o sentido que esta fábula veicula. O que, então, faz R chegar a essa moral? Vamos nos deter nos conceitos de pressuposição e de subentendido descritos por Ducrot.

Vejamos como Ducrot define, então, o que é pressuposto e o que é subentendido:

"Em resumo, o pressuposto, de acordo com a "concepção antiga" se transmite sempre da significação para o sentido. Poder-se-ia mesmo dizer que ele está escrito na significação se não devesse levar em consideração certas especificações que estão necessariamente ausentes na frase(...). Inversamente, o subentendido se caracteriza pelo fato de que, sendo observável em certos enunciados de uma frase, não está marcado na frase(...). Então, se o subentendido é resposta a uma pergunta sobre as condições de possibilidade da enunciação, é bem evidente que só pode aparecer no momento dessa enunciação e que consequentemente depende do próprio enunciado: pertence ao sentido sem estar antecipado ou préfigurado na significação. Assim - pelo menos essa é a tese que eu vou reexaminar - a oposição pressuposto-subentendido reproduziria a distinção dos dois níveis semânticos, o da significação (frase) e o do sentido (enunciado): pressuposto e subentendido se opõem pelo fato de não terem sua origem no mesmo momento de interpretação", (Ducrot 1984/1987:32).

Pelos propósitos desta análise, é interessante incorporar outra citação de Ducrot em que diferencia estes dois conceitos.

"Para mim, a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados. O subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário. Suponhamos que você admite - por consideração a mim - que o sentido de um enunciado é a maneira pela qual o enunciador apresenta seu ato de enunciação, a imagem que pretende impor ao destinatário de sua enunciação, a imagem que pretende impor ao destinatário de sua fala (no momento mesmo da enunciação, a fazer esta ou aquela coisa, a crer nesta ou naquela proposição, a continuar o diálogo nesta ou naquela direção - o que vem a ser o mesmo, a não continuá-lo nesta ou naquela outra). A pressuposição é, então, um elemento do sentido (...) como uma espécie

de retrato da enunciação (...).O subentendido, ao contrário, diz respeito à maneira pela qual esse sentido é manifestado, o processo, ao término do qual deve-se descobrir a imagem que pretendo lhe dar de minha fala".(Ducrot, 1987:41)

Se para Ducrot (Henry,1992), tanto o pressuposto como o subentendido são elementos do sentido, sendo que o primeiro está marcado no enunciado e o segundo, diz respeito ao modo como o destinatário interpreta o enunciado, então, o lugar que ocupa a significação é um lugar de passagem, onde, através dela, se chega a um sentido. Não há sentido sem significação, mas, no caso de R, há significação sem sentido; é neste ponto, que se revela o efeito semântico no quadro patológico de R. Em sua fala existem significações, mas o sentido a ser alcançado acaba se perdendo. A origem do sentido não está no locutor - pois, se assim fosse, o sentido seria entendido "a priori" - mas depende da situação.

"Para que eu possa ser origem do sentido de minhas palavras, seria necessário efetivamente que primeiro eu possa, no momento em que falo, conhecer este sentido, estendê-lo diante de mim. O que é impossível, na medida em que ele depende da situação, em que esta, ao envolver-me, escapa-me."(Ducrot, 1992:204)

Voltando para a análise da fala de R, quanto à compreensão da fábula e da sua relação com a moral, R, como já dissemos anteriormente, antes de explicar verbalmente, escreveu, em sua casa, o que havia compreendido dela. Analizando o material escrito, observo que não há problemas quanto à compreensão - o falcão precisando dar "um duro danado" para conseguir alimento não consegue resistir a um carinho de um homem. Já a galinha, mesmo tendo comida à vontade e proteção, foge do homem "como o diabo da cruz", (ver anexo 1). Porém, conforme já vimos

conversando sobre ela, R dizia coisas que não tinham o mesmo sentido do texto que escreveu.

R.: eu entendi que corte representava o falcão , a sua vida.

INV.: e o que você entendeu quando a moral fala das "inconveniências".

R.: Não existe "inconveniência" na história. O falcão leva uma "vida de corte".

INV.: mas como R? (e li o que ele havia escrito - anexo 2)

R.: isto tem sentido perfeito, apenas vejo o falcão como símbolo nobre e a galinha da pobreza - feijão com arroz. A primeira coisa que vêm à cabeça quando fala vida de corte é o falcão, galinha não tem vida de corte.

Este exemplo parece justificar algumas questões já levantadas anteriormente. R, muitas vezes, não consegue alcançar um efeito de sentido, pelo menos aquele esperado para quem lê a fábula, justamente porque intervém um sentido que faz parte de seu conhecimento enciclopédico, a partir do qual a galinha não é considerada um símbolo de nobreza, e o falcão representa a nobreza. Estes são os pressupostos de conhecimento com o qual R vai trabalhar inferencialmente. Porém, como R vai fazer para que consiga adaptar estes pressupostos à moral da fábula? Pelo seu relato por escrito, o falcão apesar de ter aparência de nobre, precisa "dar duro" para conseguir seu alimento, já a galinha não. Com estes pressupostos, então, é possível subentender - já que o subentendido, segundo Ducrot, é a manifestação do sentido, ou melhor, a maneira pela qual este sentido deve ser decifrado - "que atrás ou antes das aparências nobres existe um trabalho de preparo...". Que preparo é este ao qual está se referindo?. Parece que para se ter uma aparência nobre não é à toa: é necessário "trabalho de preparo e de organização...", já que é o outro quem vai me ver tendo ou não essa aparência nobre. O falcão tem, segundo R, uma aparência nobre, e

esta aparência só é possível, segundo ele, através de muito trabalho. A galinha é o oposto, não tem aparência nobre; não precisa se esforçar e nem trabalhar, já que tudo lhe é dado, além do que seu fim é o caldeirão. Assim, parece-nos possível concluir que R ao elaborar a moral da fábula, o faz sobre o seu próprio conceito de "nobreza" e, não segundo a proposta da fábula. A fábula inverte este conhecimento enciclopédico e R não consegue ajustar-se ao que a fábula propõe - uma inversão de conhecimentos - galinha, símbolo da pobreza: leva uma vida nobre; falcão, símbolo da nobreza: leva uma vida pobre. Sem este trabalho de ajuste de pressupostos, não é possível fazer inferências próprias ao sentido veiculado pelo texto.

Um outro aspecto que poderá ser levantado quanto à moral da fábula é quanto à voz que ela veicula, através de sua moral, ou seja, a voz que enuncia a moral pode ser tanto a de um narrador, quanto a da galinha. Já, na moral elaborada por R, pode ser tanto a de um narrador, como a do falcão, mas não a da galinha. Assim, podemos concluir que R, por fixar-se num determinado sistema de referência, não abre possibilidades para outros sentidos, alterando, assim, muitas vezes, o próprio sentido dos enunciados.

Passado quase um ano (26/08/94), esta mesma fábula foi apresentada a R. O objetivo desta re-apresentação foi o de verificar se houve melhora na tarefa interpretativa de R. Desta vez R leu a fábula, sem que fosse dito a ele que esta fábula já havia sido apresentada tempos atrás. Após ter lido toda fábula, inclusive a moral, R comenta:

R.: Não peguei o porquê desta comparaa...,deste fato. É, tá certo que, éé... taa... dee... não, o que eu creio que (seg. ininteligível), bom, paralelo que... tratou muito bem o falcão, tá, tá, tal e ela: é, me tratam bem, mais para mim comerem depois, né? Enquanto ele tá jogando aquele negócio,né? Se eu disser bem, as vezes...

INV.: (interrompendo-o) Ele quem?

R.: O falcão, quer dizer, o ditado, aqui disse ó: quando você trabalha bem demais, você tem que tomar as vezes muito cuidado, porque alguma coisa pode vir de trás. Não, o ditado é esse, quando o milagre é muito até o santo desconfia, vamos dizer assim esse é outro ditado, que suponho eu, que é mais ou menos semelhante a esta idéia.

INV.: Você acha, então, que um ditado que diz: "Quando o milagre é grande até o santo desconfia" e "muitas vezes os que ambicionam a vida da corte não sabem quais são as inconveniências dela", são semelhantes?

R.: ÉÉÉ, boa pergunta, a questão tem um ângulo diferente realmente. Não é realmente, de forma alguma semelhante. Tem um outro sentido "quando o milagre é grande até o santo desconfia".

INV.: Hum.

R.: Este aqui é que eu não estou entendendo, to assim, pegando a pegada, o que a pessoa tá querendo dizer. Tudo bem, galinha tá certo, galinha, matá a galinha porque tem que comer.

INV.: Hum.

R.: Moral do negócio é que, hummm, porque quem ambiciona a vida da corte...

INV.: (Interrompendo-o). Quem vive na corte?

R.: O exemplo clássico aí tá sendo o falcão, bem tratado, né. Mas que eu saiba, o falcão nunca foi bem tratado.

INV.: O falcão é que está sendo bem tratado?

R.: Tratam-no bem. Tratam-no bem. Bem tratado cortezmente. Agora, você vê, ave de rapina corre atrás da comida.

INV.: E tratam como a galinha?

R.: Bem para engordar e depois [faz gesto de decepar a cabeça]. É um segundo interesse, no caso do falcão é somente com interesse de prazer, só.

A partir deste trecho, foi pedido a R que narrasse oralmente toda a fábula, o que soube fazer com muita facilidade (ver anexo 3), mas o que dificulta a compreensão desta fábula é a moral, pois ela, segundo R, não faz sentido, talvez por confrontar com o seu conhecimento enciclopédico de galinha e de falcão.

INV.: E agora, então, vamos pensar na moral.

R.: Gozado, não vem na hora.

INV.: Sabe o que acontece R, você está vendo o falcão como o símbolo da corte, e por causa disto esta moral não faz sentido para você.

R.: Exatamente. Exatamente. É por aí o negócio. Muitas vezes "quem ambiciona a vida da corte" que é roupa lavada, etc., não sabe quais as inconveniências dela [ri], que o engordam para [gesto de cortar o pescoço] e o falcão reclama mas...[ri]. Fiquei fixado.

INV.: O falcão é claro que tem muito mais a imagem da corte do que uma galinha, né?

Apesar de R, ainda, não conseguir apreender o sentido da moral da fábula, avançou em relação a outras possibilidades de interpretação, o que não foi possível notar há um ano atrás. Da mesma maneira que deixa implicado, na primeira versão, que as aparências enganam, nesta segunda versão tenta parafrasear a moral dizendo: **quando você trabalha bem demais, você tem que tomar muito cuidado, porque alguma coisa pode vir de trás, para chegar finalmente em: quando o milagre é muito até o santo desconfia.** É interessante perceber que R vai

"construindo caminhos" com as palavras para chegar na moral desejada, mas ao perceber que ainda não é bem aquilo que queria dizer, constrói uma nova possibilidade, até chegar no que considera o mais próximo da moral original.

Cabe aqui uma observação quanto à intervenção terapêutica que fiz, na rerepresentação da fábula, ou seja, levar R a comparar a moral da fábula com as possibilidades de interpretação que foram aparecendo e, também, fazer com que ele reconhecesse o ponto em que se deu a "leitura errada". Minha intervenção se deu no sentido de esclarecer a R sua dificuldade e, com isto, enfrentar a questão da "consciência crítica", que é uma das características patológicas do quadro linguístico-cognitivo de R.

O trabalho com a última fábula que veremos a seguir - O leão enamorado (La Fontaine), **anexo 4** - se deu na sessão do dia 4/11/92. É sobre um leão que se apaixona por uma camponesa e por causa dessa paixão, ele acaba sendo derrotado por cães ferozes. Depois de escutar a fábula lida pela investigadora, foi pedido que R a recontasse. Neste episódio, podemos verificar, novamente, como a questão dos múltiplos enunciadores da fábula aparece nas dificuldades que R apresentou para recontar a fábula. R precisa do auxílio da investigadora para conseguir chegar ao final de seu relato. Vejamos:

(06)

R.: Um leão estava zanzando pelos campos e viu uma leoa, bonita, linda e pediu, já pensou, naturalmente, que o pai da moça bonita.

INV.: Da moça ou da leoa?

R.: Da leoa, para ver se o pai dava a mão da leoa. Aí o leão pensou "se eu ficar bravo posso fazer mal para ela". Então, tentou vender a idéia.

INV.: Vender o quê?

R.: A idéia, tudo bem, você pode ter a tua, mas o importante é que você saiba é que ela é muito delicada, que você não deve ser violento, brigar com ele muito; ela é muito carinhosa, muito atenciosa. Para você usufruir destas qualidades, você deve sempre tratá-la com muita calma, tranquilidade e...

INV.: esqueceu?

R.: estou tentando contar a história e...

INV.: mas você não chegou no final da história.

R.: ééé, a compreensão, onde está a sequência para chegar à moral... Como não vem a moral, fico martelando na cabeça para ver se vem alguma palavra chave.

INV.: Mas até o pedaço que você lembrou, foi que ele pediu para fazer exatamente o quê?

R.: Para ser calmo.

INV.: Bom, mas não basta pedir para o leão ser calmo, é da natureza dele ser violento. O que ele pediu efetivamente para o leão fazer? Quando o leão está bravo, qual é a maneira de atacar?

R.: Ele se arma e delicadamente

INV.: O leão delicado?

R.: Não, ele se arma e se prepara para atacar.

INV.: E o que seria este ataque?

R.: Um salto.

INV.: Hum, e aí?

R.: Morde.

INV.: Hum, então um dos pedidos que o pai pediu para o leão, o que seria?

R.: Ahhhhhh, em função disto, para ele receber em troca muito mais carinho, podasse as unhas, aparasse os dentes e, após ter feito tudo isso, [seg. ininteligível]. Apareceu uns cães de caça que perceberam que o leão não estavam com suas armas de defesa e não ofereciam um perigo muito grande e atacaram o leão, arrebentaram com o leão.

Quando a investigadora interrompe sua narrativa com a pergunta "vender o quê?", R parece não conseguir separar em seu relato, o que é da fábula e, o que é resposta sobre a pergunta feita pela investigadora. R coloca ambas possibilidades numa mesma configuração textual, ou seja, na sua narrativa sobre a fábula. A resposta de R aponta para uma digressão sobre "vender uma idéia", na tentativa de inseri-la no interior das idéias das fábulas. Não é por acaso, que neste turno aparece a mesma instabilidade de enunciadores (segunda e terceira pessoa) já indicada na análise do exemplo (03). Quando R responde com "*A idéia, tudo bem, você pode ter a tua, mas o importante é que você saiba é que ela é muito delicada, que você não deve ser violento...*", mostra uma dificuldade em separar, o que faz parte do discurso citado e o que faz parte de uma atividade enunciativa, como responder a uma pergunta, sem perder o "fio da meada". Por outro lado, esta dificuldade pode estar representando a tentativa de R em separar estas duas questões. O que chama a atenção nos dados de R não é o fato de ele colocar o discurso citado em seu relato, mas não fazer as mudanças necessárias no seu relato para introduzir, para a investigadora, a fala do pai da moça para o leão. Porém, estes parênteses, que são possíveis de se fazerem quando se está narrando, R ainda não consegue alcançar, colocando-os para dentro do discurso citado e mantendo-os numa mesma configuração textual.

A investigadora teve que intervir dialogicamente para que R conseguisse (no último turno) contar a fábula. É de se destacar o "delicadamente", cuja intervenção, de pronto, ajudou na construção dialógica do relato.

PIADAS:

As análises que serão vistas a seguir, são sobre piadas que foram contadas em dois momentos distintos: em 20/11/91 e 29/04/92. Vejamos, primeiro, as piadas retiradas da sessão do dia 20/11/91:

"Cansado de ser chamado de burro, o português fica prestando atenção no cara que está na sua frente, na fila para comprar passagens, no guichê da rodoviária.

- Aparecida , ida! - pede o rapaz.

E o Manuel não tem dúvida:

- Ubatuba, uba!"

Através de uma atividade de re-contagem por parte de R, poderemos notar a emergência de questões que incidem diretamente, tanto na polifonia, como nos elementos implícitos da língua. Veremos, que estas questões, quando não estão bem ajustadas, ou em sintonia entre si, prejudicam o entendimento de uma piada. A falta de ajuste, no que diz respeito à polifonia, vem do fato de R. não conseguir marcar a heterogeneidade contida numa situação dialógica. Isto parece ser uma característica na fala de R. como já vimos no caso da fábula: O falcão e a galinha ; R tende a ignorar um dos interlocutores e deixa, apenas, aparecer a voz do enunciador a qual se identifica mais (E2). Quanto aos implícitos, R consegue perceber o que está subentendido na fala do português quando ele diz " Ubatuba , uba" (apenas a repetição da última sílaba), porém, fica na dúvida em posicionar os enunciadores e acaba descartando o enunciador E1, a ponto de não saber quem disse o quê. Vejamos, a seguir, o exemplo:

A tarefa de R era re-contar a piada que tinha acabado de escutar. Quando esta piada lhe foi contada, R se comportou como se tivesse entendido, ou seja, fazendo o que socialmente se espera que se faça após escutar uma piada: rir.

(07)

R.: eu não me lembro quem disse para quem .

INV.: então tente.

R.: a questão é esta, eu não tenho lembrança exata. Eu sei que tem Aparecida ida, e a outra pessoa que diz Ubatuba uba, tentando entender uma relação com Aparecida, ida e Ubatuba, uba.

INV.: se você fosse contar esta piada como faria?

R.: perfeito, agora para compreender eu não tenho a lembrança exata quem disse o que, se foi o vendendor ou ele. No princípio, eu tinha a lembrança de que ele pediu Aparecida,ida

INV.: mas você estava certo, você estava indo no caminho certo, você falou assim: " um português para não dar margem a erros começou a reparar numa fila de um guichê,e no que as pessoas faziam , então...

R.: ele olhando tudo, tal, se situou onde se vende passagens, tal: uma passagem Aparecida, ida. Teoricamente ida era o normal. Aí eu não entendi quem respondeu Ubatuba, uba. Quem estava vendendo passagens não é bobo.

INV.: então como é que você achou graça?

R.: porque eu relacionei, porque o português podia ter dito Ubatuba, uba.

INV.: mas foi o português que falou isso.

R.: e quem falou Aparecida , ida?

INV.: o cara que estava na frente. O português estava imitando.

R.: Ah! O cara tava na frente! Agora que eu entendi.

Parece que R falha ao tentar recontar esta piada por dois motivos:

1) Não consegue situar as vozes dos enunciadores. Eles, por não assumirem as vozes que lhe cabem, comprometem o sentido da piada, prejudicando a recontagem. Estes enunciadores por ficarem "soltos" correm o risco de serem produtores de qualquer enunciado contido na piada. Esta mistura de vozes, sem que se consiga diferenciar quem disse o quê, parece ser uma constante no caso de R, e talvez, até, sendo justificada pela sua própria dificuldade neste manejo. Esta dificuldade, talvez, esteja relacionada com uma certa rigidez, ou fixação, de R, para com certos enunciadores, ou melhor, ao se identificar com um enunciador, os outros, que também estão presentes na mesma cena enunciativa, deixam de ser portadores de seus enunciados, aparecendo, apenas, enunciados soltos.

2) A segunda falha que R apresenta, motivada pela falta de inferência, na direção do sentido da piada, parece se dar ao nível do que está subentendido, tanto daquilo que R entendeu sobre a inferência que o português fez da fala da pessoa que estava à sua frente (E1), como daquilo que R entendeu da fala do português (E2). Vejamos, na piada (E2) ao escutar a pessoa que está à sua frente dizer: "Aparecida, ida", subentende que a ida não está ligada à direção do percurso que se deseja utilizar, mas é apenas um jogo de palavras. Ou seja, E2 não relaciona ida com volta mas como repetição da última sílaba. Neste jogo inferencial subentende-se (tanto E2 com R) que a fala de E1 foi, apenas, um jogo de palavras produzindo, então, "Ubatuba, uba". Este é o subsistema acionado pelo jogo inferencial que a piada propõe: "repetição" em vez de direção do percurso.

R, por sua vez, consegue perceber a atividade epilinguística feita por E2, mas é o lugar que estas vozes aparecem que toma estas vozes sem posição. Como na piada aparecem dois enunciadores, fica difícil, para R, perceber que eles não estão

dIALOGANDO ENTRE SÍ, MAS COM O MOÇO DO GUICHÊ, QUE POR SUA VEZ, NÃO APARECE COMO UM ENUCIADOR.

Podemos ver, então, que o cálculo do sentido a ser construído por R, para que a piada alcance seu sentido humorístico, se perde "no meio do caminho", tanto porque R precisa operar com dois frames -repetição e movimento (ida/volta) e escolher um, a partir do qual a significação é processada - como pela sua dificuldade em trabalhar com os elementos implícitos da língua, mais especificamente, com o subentendido dos enunciados. É importante lembrar, que faz parte do quadro que compõe a Síndrome Frontal a dificuldade em selecionar, programar e controlar as ações. Porém, a partir da concepção de linguagem adotada neste trabalho, é possível avaliar linguisticamente estas dificuldades. A dificuldade em trabalhar com as implicaturas da língua, com a heterogeneidade dos enunciados, esbarra em questões que dizem respeito ao nível semântico da linguagem e que interferirão tanto nas relações de sentido como no uso social da linguagem.

Ainda nesta mesma sessão e querendo sair do tema de piadas de português, já que estas piadas têm uma conotação muito forte para R, que se vê como não muito esperto, atrapalhado para dar conta das tarefas do dia-a-dia, foi-lhe contada uma outra piada, onde não tivesse nenhuma relação com uma provável desqualificação de um dos enunciadores:

A professora pergunta para o Joãozinho:

- Qual é o tempo verbal em : "A mulher comprou", Joãozinho?

- Passado, professora!

- Muito bem! Agora me diga qual é o tempo de: "Papai tem dinheiro.

O João pensa um pouco e responde:

- Primeira semana do mês.

Depois de R escutar a piada começou a explicá-la, como sempre faz antes de iniciar a sua atividade de recontagem.

(08)

INV.: Me conta a piada, você me explicou, agora conta.

R.: Bom , complicado. Então, na classe um aluno e a professora, então fez umas perguntas, a primeira delas: em português é: "Mamãe comprou aquele chapéu. Que tempo de verbo Joãozinho?

E o Joãozinho respondeu:

- Passado.

- Muito bem.

R.: Daí, a segunda pergunta que ela fez é: "Que tempo que ela vai ... acontecer para que ela use este presente".

INV.: (fiz cara de espanto)

R.: (ri) Meleii! Eu não me lembrava.

INV.: que tempo...

R.: Dá o sentido da piada: "que tempo que vai acontecer que ela vai usar este chapéu, que ela comprou. O tempo que o menino entendeu na segunda oportunidade é que tempo recebe dinheiro, para poder comprar, o que o pai recebe.

INV.: Não R , começa tudo outra vez. A professora , na aula de português chama o Joãozinho.

R.: Aí fez duas perguntas, a primeira delas.

INV.: Pergunta sobre o quê é importante falar nesta piada.

R.: (não disse nada)

INV.: Joãozinho, agora eu vou te fazer uma pergunta sobre?

R.: Tempo verbal.

INV.: Tempo verbal. A primeira delas...

R.: (não disse nada)

INV.: Qual é o tempo da frase...

R.: Da seguinte frase: "Mamãe comprou verduras na feira e o Joãozinho respondeu: passado". E a segunda pergunta é..., preciso inventar.

INV.: Tá, tudo bem, então inventa. A primeira foi uma frase no passado. A segunda?

R.: A piada inventando um tempo, num sentido diferente. É, o problema é esse, inventar uma frase relacionada com o tempo, sem que a piada não tenha nada a ver com a resposta, que ele...que Joãozinho respondeu, como exatamente, como o pai, quanto o pai ganha, o salário para a mãe poder comprar a feira, essas coisas, que ele falou dia 10 e a piada queria dizer outras coisas, tempo sei lá que tempo que está se referindo, mas é diferente deste tempo que ela está querendo dizer, que é o tempo que o pai recebe o dinheiro para a mãe poder comprar. Não me lembro exatamente.

INV.: Que frase?

R.: O tempo da segunda pergunta?

INV.: Muito bem, agora me diga, qual é o tempo desta frase: "Papai tem dinheiro".

R.: Presente.

INV.: Então, Joãozinho respondeu: primeira semana do mês.

R.: É, ele entendeu essa palavra como uma afirmação, como se a professora tivesse feito uma afirmação.

A dificuldade de entendimento desta piada por parte de R, parece, estar, novamente, ligada tanto aos elementos implícitos da língua, como ao manejo polifônico contido em sua fala.

Há uma relação que R não conseguiu "sacar" de tempo: dinheiro com primeira semana do mês (tempo verbal/tempo cronológico). Em vez disso, elabora um sentido intruso, mas possível, de tempo, sendo ele agora, físico. Vejamos como foi o caminho que R traçou, para tentar alcançar o sentido humorístico da piada.

R ao re-contar a piada e percebendo que havia falhado ao dizer: *"que tempo que vai acontecer que ela vai usar este chapéu, que ela comprou..."* apresenta dois movimentos: um que o distancia do sentido da piada (conforme o enunciado anterior) e, outro que o aproxima do sentido proposto: *"O tempo que o menino entendeu na segunda oportunidade é que tempo recebe dinheiro..."*. Já, na sua segunda tentativa de re-contagem R, por saber que não é qualquer tipo de pergunta que é para ser dita, passa a elaborar vários comentários digressivos - tanto sobre a pergunta que a professora fez, como para a resposta que o Joãozinho deu - que vão aproximando do sentido. Vai repassando os sentidos possíveis de tempo, até relacioná-lo com salário e dinheiro. Logo no início de sua re-contagem, R já havia percebido que a resposta da segunda pergunta, feita pela professora ("papai tem dinheiro"), não foi respondida em cima do tempo verbal, mas sobre um outro sentido de tempo, no caso da piada, o cronológico. Porém, há uma relação que R não pegou entre estes dois tipos possíveis de tempo: verbal e físico - relação esta que diz respeito aos subsistemas de referência: verbal, físico e cronológico. É apenas no uso efetivo da linguagem que uma ou mais dessas relações podem ser subentendidas e é nisto que R falha.

Outra falha que é possível notar quando R está recontando a piada, é a voz que implica a variação inter-frame contida na piada. Segundo a re-contagem de R, quem faz esta variação é o enunciador E1, já na piada contada originalmente é E2 (o aluno) que trás esta variação para a piada.

Ao re-contar a piada, o que é dito pelo enunciador E2 passa ser de E1. Existe para R, então, uma grande dificuldade em delimitar papéis numa situação dialógica. O

"outro" torna-se "um" e esta voz que não tem dono, que é facilmente transferida de um personagem para outro, impede, no decorrer da construção de sua narrativa, que exista uma coerência entre as vozes dos personagens.

Quanto à implicatura contida na piada é representada da seguinte maneira: E2 (aluno) deixou implicado ao responder "primeira semana do mês", que o único tempo (não mais verbal, mas cronológico), em que "Papai tem dinheiro", é na primeira semana do mês. R tentou fazer o deslocamento pedido pela piada, mas falha no momento em que necessita deixar algo implícito, neste caso, relacionado com o enunciado anterior. A implicatura necessária para o entendimento da piada é feita por E2 (O único tempo que papai tem dinheiro é na primeira semana do mês).

Já na sua re-contagem, R coloca na voz de E1 como aquele enunciador capaz e autorizado a fazer as mudanças dos sub-sistemas de referências, pois pode fazer parte de seu conhecimento enciclopédico, que o saber é representado pelo professor. Já E2, tendo o papel de aluno, não está autorizado a mudar a proposta feita pelo professor.

Nota-se, pois, que tendo a piada uma estrutura condensada, é nela que as dificuldades com os implícitos da língua mais se evidenciam, principalmente naquilo que está subentendido em cada enunciado.

Na sessão do dia 29/04/92 foi lida contada uma outra piada:

E1- Você tem aí 500 mangos para me emprestar?

E2- Não.

E1- E em casa?

E2- Vão todos bem, obrigado.

(09)

R.: [pausa de 9 seg. resmungando alguma coisa]. Fulano, fulano chegou para o Zé e... - O Zé tem...tem umas quatro mango aí? [seg. inint.]. Tem nada não. E em casa? Em casa tem.

O trabalho inferencial necessário para R conseguir contar esta piada não foi alcançado, porque R não conseguiu subentender que na resposta "vão todos bem, obrigado", era uma maneira do sujeito não querer emprestar dinheiro a quem lhe pediu. Através desta resposta, o sujeito E2 aciona outro subsistema a partir do qual faz sentido a piada. É exatamente por causa desta mudança de subsistema - dinheiro: aí (lugar) e em casa (como vão?)- que se dá o sentido humorístico da piada. O enunciador E2 quebra com a expectativa de E1, respondendo, numa outra direção, à pergunta que lhe foi feita. Como a resposta desta pergunta não foi a respeito do empréstimo solicitado, mas referente a sua família, R não conseguiu entender a piada. O segredo da piada que R não pegou, está no fato de uma pergunta que não é fática ser respondida como se fosse. Na recontagem de R, ao contrário, E2 responde interpretando "casa" como "lugar em que E2 pudesse ter dinheiro". Devida, talvez, à estrutura condensada da piada, R não consegue apreender com rapidez que uma frase que diz "*vão todos bem, obrigado*", está querendo dizer "*não tenho ou não quero te emprestar dinheiro*". Como é possível, então, chegar a este entendimento, ou seja, de que o sentido não está no enunciado em si, mas na soma de fatores que são acionados? Esta é uma das dificuldades de R, a de não "sacar" que, nem sempre, o que está sendo dito é exatamente aquilo que se está querendo dizer. O sentido depende de uma série de fatores e R, ainda nesta época, tinha dificuldades de incorporá-los.

É interessante perceber que apesar desta piada, também, manter um diálogo entre dois enunciadores, R não apresenta, como nas piadas anteriores, a dificuldade com as vozes contidas no diálogo. Ele não se atrapalha em dizer quem disse o quê. Porém a implicatura, no que está no subtexto de um enunciado, ainda não é possível perceber.

CONCLUSÃO

Para concluir este estudo retomo alguns pontos já mencionados anteriormente, a fim de que possamos comparar com aquilo que a literatura produz a respeito da Síndrome Frontal:

-Os estudos tradicionais da SF (leve, neste caso) interpretam muitos de seus sintomas no âmbito do comportamento devido à concepção de linguagem (muitas vezes não explícita) sobre a qual estes estudos estão baseados, não analisando ou englobando o nível pragmático da linguagem em suas preocupações descritivas.

-A partir de uma teoria de linguagem discursivamente orientada, os (fatos) sintomas, que antes eram julgados como sendo relativos ao comportamento, podem ser interpretados como sendo do âmbito da linguagem e corresponder ou a uma Afasia que atinge o nível semântico/pragmático da linguagem, ou, permanecer a entidade nosológica Síndrome Frontal, sem deixar de considerar as alterações semântico/pragmáticas da linguagem.

Se voltarmos à introdução deste trabalho, veremos que a definição de afasia aqui adotada, é aquela dada por Coudry (1992):

"A afasia se caracteriza por alterações de processo de significação de origem articulatória e discursiva (neste incluso aspectos gramaticais) produzida por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, podendo se associarem a alterações de outros processos cognitivos (apraxias, agnosias, acalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e de interpretação."(Coudry, 1992:168)

Ora, a partir das análises feitas dos nove episódios terapêuticos no capítulo anterior, pudemos observar que as alterações de linguagem apresentadas por R, são alterações que atingem, como dissemos anteriormente, tanto o nível pragmático como o nível semântico da linguagem; não sendo possível, pois, descartar o componente

linguístico deste quadro sindrômico. Dessa forma, a "introdução de um componente pragmático na teoria lingüística, longe de constituir-se em uma intromissão no campo da semântica, tem por efeito a preservação da "pureza" teórica desta última",(Dascal,1982:20). As alterações semânticas que pudemos levantar através da análise de dados e que, por sua vez, comprometeram o uso social da linguagem, foram:

-A não utilização de elementos que garantam a coerência e a coesão de um texto oral ou escrito, tais como: a topicalização, o planejamento e a progressão temática, (alterações semânticas que repercutem nos aspectos pragmáticos da linguagem).

-A instabilidade no manejo dos elementos implícitos da língua, seja por não considerar o que está subentendido no enunciado, seja por pressupor um sistema de referência distinto daquele utilizado pelo seu interlocutor, altera o processo de significação, tanto da sua própria fala como da tarefa interpretativa de seu interlocutor.

-A dificuldade em trabalhar com a polifonia contida na língua altera o processo de significação, sendo esta alteração expressa de duas maneiras: a) pela dificuldade em saber qual é a posição que deve ocupar para ser sujeito do seu próprio enunciado (p.ex:relato da notícia do telejornal); b) pela dificuldade em posicionar os outros enunciadore dentro de uma situação narrativa (p.ex:piadas).

-Dificuldade em mudar de registro, quando muda de interlocutor; apego a única direção argumentativa (p.ex: fábulas e piadas).

Uma outra questão levantada pela análise Neurolinguística e que prejudica substancialmente a atividade dialógica, é quanto à "exteriorização" de seus pensamentos. O processo de internalização, que é uma das contribuições mais importantes de Vygostsky, demonstra a passagem da linguagem externa para a interna e por ser mediada pela fala egocêntrica, possibilita o processo de

internalização de linguagem (o que é esperado por volta dos 3 aos 7 anos de idade). R parece, então, fazer o processo inverso: para organizar seus pensamentos, necessita exteriorizá-los e esta exteriorização de algo que deveria estar interno, é que causa estranheza; no entanto, indica que a prática discursiva (Maingueneau, 1989), ou seja, a relação entre o verbal e o social tem um importante papel na reconstrução de alterações linguístico-cognitivas, no que dizem respeito à relação entre cognição e discurso.

A reflexão que Vygostky fez sobre o desenvolvimento da atividade dialógica na criança, pode ser trazido para este trabalho, tomando cuidado de não comparar diretamente adulto/criança, e não comparar diretamente fala egocêntrica na criança com organização em voz alta que R apresenta.

O que queremos com esta reflexão é mostrar que os processos cognitivos, que ocorrem tanto na patologia como no desenvolvimento não patológico, tocam em questões em que o Outro está concernido.

Todas estas questões são questões enunciativas que atingem, diretamente o nível pragmático da linguagem, alterando, assim, o processo de significação e, conseqüentemente, a dinâmica discursiva. Digo de maneira direta, porque grosso modo, o que salta aos olhos, é a dificuldade de R na prática (praxis) discursiva. Por exemplo, quando precisa fazer um relato sobre um determinado tema, muitas vezes, acaba "deslizando" para a repercussão deste tema, como pudemos ver no episódio (01); ou, ao re-contar uma piada se perde no manejo das vozes que lá estão presentes, etc. Isto produz uma "quebra" na dinâmica discursiva, porém esta "quebra", segundo as análises feitas anteriormente, é decorrente das alterações que atingem tanto o nível semântico da linguagem, como o pragmático - são questões enunciativas que em um determinado contexto, se alteram. Diante de tal quadro e considerando a definição de afasia dada por Coudry (1992), podemos argumentar a existência de uma

Afasia Pragmática que abriga dificuldades de uso social da linguagem em situações discursivas, somadas a dificuldades semânticas? - como a dificuldade em manejar os elementos implícitos da língua, de acordo com um determinado sistema de referência; o prejuízo do trabalho inferencial, acrescido da interferência negativa de seu próprio papel como sujeito (bobo, não presta para nada, etc.), para o cálculo do sentido; a dificuldade em trabalhar com a polifônia da língua; a coerência de seus enunciados.- Em suma, é quando aparecem estas dificuldades semânticas em sua fala, que se detectam alterações concernentes ao nível pragmático⁸ da linguagem?

É interessante perceber que aquilo que vários estudiosos descreviam como fazendo parte do quadro sintomatológico da Síndrome Frontal - dificuldade em selecionar, programar e controlar sua conduta - ao assumir uma teoria de linguagem que abrange questões enunciativo-discursivas, é possível detectar estes mesmos sintomas em sua fala. Desta maneira, podemos interpretar seus sintomas como compatíveis com um quadro de afasia, já que do ponto de vista linguístico, há alterações no processo de significação.

Gostaria de finalizar este trabalho com um dos últimos relatos de R, onde podemos observar uma substancial melhora quanto ao aspectos semântico/pragmáticos, motivada por um trabalho terapêutico voltado a estas questões.

Na sessão do dia 4/12/1992, R trouxe por escrito o que havia entendido sobre um capítulo de uma mini-série: Suave é a Noite.

INV.: O filme que você viu foi Suave é a Noite?

R.: É uma mini-série da Cultura e como o seu dependente uma série tem uma sequencia lógica.

⁸ Tanto Grice como Dascal encaram a pragmática como possível e desejável somente se construída como suplemento - e não como substituta - de uma semântica autônoma. Para ambos, a pragmática não vem modificar os significados próprios da sentença, mas sim permite explicar como sentenças com determinados significados, podem adquirir interpretações diversas, (Dascal, 1982:20).

INV.: Como? Que dependente?

R.: Não, série.

INV.: Ah, série.

R.: O filme Suave é a Noite é uma história de uma moça americana que tem o pai como amante e seus problemas comportamentais antes, durante e depois desta situação com o pai. O filme começa com o Sr. Warne conversando com o psiquiatra chefe da clínica mental Suíça, onde ela está internada em tratamento, cuja irmã mandou-a para lá, uma vez que a família é muito abastada; e a irmã, naturalmente, nada sabe sobre a relação imoral entre o pai e a própria irmã dela, e a filha, e o pai e a filha. É uma família bem abastada, naturalmente, foi mandada para a Suíça. Na Europa em ambiente pós-guerra, Nicole, que é a moça, se apaixona por um capitão, quando da primeira pós guerra, da primeira guerra mundial, era capitão na Suíça.

INV.: Mas quem era.?

R.: Era o psiquiatra da clínica a onde ela estava indo, justamente era um dos integrantes do corpo de saúde que estava tratando da doença mental dela. Ele em determinado..., lá na clínica a moça, a tal da Nicole, ela se apaixona por ele.

INV.: Você já tinha dito.

R.: Exato, e o colega dele da clínica e o chefe, patrão, chamaram ele um momento a parte. - Olha, eticamente e politicamente não é um negócio interessante você manter essa, essa relação, de deixar que ela se apaixone por você e se mostrar interessado nela também. Então, discretamente acaba com esta situação e manda, sugere, a ela a voltar para recomeçar a vida.

INV.: Sem tratamento?

R.: A situação não ficou muito clara, porque, aparentemente, foi dito pelo médico-chefe e pelo colega, é que a situação dela não estava evoluindo em função...

INV.: Da paixão entre os dois.

R.: Exato, e que a volta dela na situação que ela está, alguma coisa ela tinha, mas era melhor ela voltar para a terra dela e tentar voltar a fazer uma vida normal, do que manter, manter este caso, com esta questão, é que infelizmente emperrava qualquer tipo de tratamento, uma vez que determinado instante, determinado momento durante o diálogo, foi mencionado que a clínica é hi-society.

Aqui, neste episódio, podemos ver que R ao narrar o filme começa a apresentar uma narrativa sem tantas alterações, como as encontradas anteriormente. R consegue topicalizar um tema, planejando-o; porém, ainda que menos evidente, é possível encontrar alterações quanto a progressão deste tema. P.ex:

"...e a irmã, naturalmente, nada sabe sobre a relação imoral entre o pai e a própria irmã dela, e a filha, e o pai e a filha. É uma família bem abastada, naturalmente, foi mandada para a Suíça..."

R, parece ficar "dando voltas" para depois conseguir sair deste lugar. O que pode ser visto de duas maneiras:

a) como um elemento que ainda dificulta a manutenção da coerência na atividade discursiva, já que a coerência é vista como um princípio de interpretabilidade do texto que se estabelece na interlocução.

b) como um elemento auxiliador, pois a partir destas "voltas" R consegue planejar a continuidade de seu diálogo.

Podemos perceber também que R, estando na posição de locutor, começa a produzir enunciados onde as hesitações, as dificuldades em selecionar os recursos expressivos, já não são tão evidentes, como vimos na maioria dos episódios anteriores.

A partir deste último episódio R começa a se colocar na posição de sujeito de seu próprio enunciado, o que antes era muito difícil de acontecer.

Para concluir, gostaria ainda de ressaltar que este estudo faz parte de um projeto mais amplo da área de Neurolinguística, cujo o objetivo geral é estudar, no âmbito da Ciência Linguística, afecções Neurológicas adquiridas. A mim coube este estudo longitudinal de um caso de SFL, com o objetivo preciso de analisar e interpretar as alterações de linguagem, além de apontar como, em geral, o estudo desta síndrome é tradicionalmente feito.

BIBLIOGRAFIA

- Bakhtin, M. (1979) "Estética de la Creación Verbal", Siglo Veintiuno Editores, México. Segunda edição, 1985.
- Bandini, M.B.G. (1991) "Notas Sobre A Questão Da Inferência", UNICAMP: Tese de Mestrado.
- Barrella, F.M. e Bandini, M.B.G. (1992) "Relação De Sentido Em Um Caso De Afasia Semântica", nos Anais do GEL de 1992.
- Benson, D.F. & Stuss, D.T. (1986) "The Frontal Lobes", News York: Raven Press.
- Coudry, M.I.H. (1988) "Diário de Narciso: Discurso e Afasia", São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1990) "Aspectos Discursivos da Afasia", in Cadernos de Estudos Linguísticos 19, 127-145.
- _____ (1992) "Fontes de Postulados Discursivos no Estudo da Afasia", in Cadernos de Estudos Linguísticos 22, 167-171.
- _____ & Possenti (1993) "Do que Riem os Afásicos", in Cadernos de Estudos Linguísticos 24, 47-57.
- _____ (1994) "Neurolinguística e Análise do Discurso, mimeo.
- Dasca, M. (1982) "Relevância Conversacional", in Marcelo Dasca (org.) Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol.IV (Pragmática), Campinas, Ed. do autor.
- Ducrot, O. (1987) "O Dizer e o Dito", Campinas: Pontes.
- _____ (1992) "xxxxxxxxx e xxxxxxxxxxx", posfácio in P. Henry FERRAMENTA IMPERFEITA: língua sujeito e discurso. Editora da UNICAMP.
- Franchi, C. (1975) "Hipótese para uma teoria funcional da linguagem", Campinas, UNICAMP, Tese de Doutorado.
- _____ (1977) "Linguagem - Atividade Constitutiva", in ALMANAQUE ,5, São Paulo, Brasiliense, 9-27.

- Françoso, E. (1987) "Linguagem Interna e Afasia", UNICAMP, tese de doutorado.
- Gadet, F. (1990) "prefácio", in F. Gadet & T. Hank (orgs), in POR UMA ANALISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO - UMA INTRODUÇÃO A OBRA DE MICHEL PEACHEUX, Campinas: Editora da UNICAMP.
- Gandolfo, M. e Magro, C. (1992) " Alteração De Linguagem Num Caso De Síndrome Frontal", publicado nos Anais do GEL de 1992.
- Geraldi, J.W. (1991) "Portos de Passagem", São Paulo: Martins Fontes.
- Goldstein, K. (1948) " Trantomos del Lenguaje ", Barcelona:Editorial Científico Médica.
- (1940) "Human Nature in Light of Psychopathology, Cambridge: Harvard Univ. Press.
- Grice, H.P. (1982) — "Lógica e Conversação", in Marcelo Dascal (org) FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DA LINGÜÍSTICA, vol. IV (Pragmática). Campinas Ed. do autor.
- Hécaen, H. (1965) "Pathologie du langage: l'aphasie, Paris:Larousse.
- Henry, P. (1992) "A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso". Editora da Unicamp.
- Jakobson, R. (1964) " Vers une Typologie Linguistique des Troubles Aphasiques, in DISORDESS OF LANGUAGE. Edité:A.V.S.
- (1970) "Linguística e Comunicação", São Paulo:Cultrix.
- Kaplan, J. A.; Brownell, H.; Jacobs, J.R.; Garder, H. (1990) "The Effects of Right Hemisphere Damage on the Pragmatic Interpretation of Conversational Remarks, in BRAIN AND LANGUAGE, 38:315-333.
- Luria, A.R. (1962) "Disturbances of higher cortical functions with lesions of the frontal region", in HIGHER CORTICAL FUNCTIONS IN MAN , second edition, revised and expanded basic book, consultants bureau.

- _____ (1974) "El cerebro en acción", Barcelona:Ed. Martinez Roca.
- _____ (1979) "El cerebro humano en los procesos psicicos, Barcelona:Ed. Fontanella.
- _____ (1979) "Curso de Psicologia Geral", vol.IV, São Paulo:Ed. Civilização Brasileira.
- _____ (1982) "Language and cognition", New York: Jonh Wiley .
- _____ (1986) "Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria", Porto Alegre: Artes Médicas.
- Maingueneau, D. (1987) "Novas Tendências em Análise do Discurso", Campinas: Pontes Editora.
- Morato, E.M. (1991) "Confabulação e digressão nas afasias: as formas marginais do dizer",in XXI ANAIS DO GEL
- _____ (1991) "Das Funções e do Funcionamento da Linguagem: um estudo das reflexões de L.S.Vygotsky sobre a "Função Reguladora da Linguagem" e alguma Implicações Linguístico-Cognitivas para a Neurolinguística.
- Paulus, J. (1975) "A Função Simbólica e a Linguagem",São Paulo: EDUSP.
- Pêcheux, M. (1988) "Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do óbvio, Campinas Editora da UNICAMP.
- _____ (1990) "O Discurso: Estrutura ou Acontecimento", Campinas: Pontes.
- _____ (1990) "A análise de Discurso: Três épocas(1983)", in F. Gadet e T. Hak (Orgs), POR UMA ANALISE AUTOMATICA DO DISCURSO - UMA INTRODUÇÃO A OBRA DE MICHEL PECHEUX. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Possenti, S. (1988) "Discurso , Estilo e Subjetividade", São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1992) "Gramática e Análise do Discurso".
- Todorov, Tzvetan (1980) "Os Gêneros do Discurso", São Paulo: Martins Fontes.

Vocate, D. (1987) "The Theory of A.R. Luria. Functions of Spoken Language in the Development of Higher Mental Processes", New Jersey:Lawrence Erlbaum ASS.

ANEXOS

ANEXO 1

(A fábula "O falcão e a galinha" escrito por R)

O falcão, ave de rapina, dá um duro danado pra viver. Está sempre procurando "comida", um bichinho qualquer para almoçar. E a galinha doméstica (o frango) tem casinha, com puleiro, comidinha à vontade (ração), água e proteção do dono contra tudo o que queira perturbá-la. Quando, então, o seu dono vai pegá-la, ela foge como o diabo da cruz. O falcão quando a gente põe no pulso para ele empoleirar vem numa boa e quando você o acarecia, se derrete.

A galinha seria chamada de ingrata por fugir do dono quando ele quer pegá-la. Anteriormente, conversando com suas amigas, ela disse que tinha visto várias delas (galinhas) enfiadas no espeto, assado para um bom jantar dos homens, daí ela fugir deles, homens, como uma louca.

ANEXO 2

FÁBULA: O FALCÃO E A GALINHA (original)

Certo dia um falcão chegou para a galinha e disse:

-Mas dona galinha porque é que a senhora anda tão triste? A senhora tem uma vida tão boa, todos a tratam tão bem, lhe dão de comer, à noite te colocam no puleiro todo aquecido.

Eu não tenho esta moleza, tenho que sair em busca de comida e mesmo assim, com um pouco de carinho, fico empoleirado no ombro dos homens.

- É seu falcão, o senhor tem toda razão, a única diferença é que nunca ví falcão ensopado ou mesmo servido no espeto, disse a dona galinha.

ANEXO 3

(narrativa de R sobre a fábula "O falcão e a galinha")

R.: Então aí mais ou menos, houve um encontro entre um falcão e uma galinha, e a galinha, naturalmente, super bem tratada pelos patrões: na boca, aguinha, pulerinho, tudo limpo, sem ventos maiores, enfim, uma vida que pediu a Deus, para que então, chegando num determinado momento [a INV. lhe interrompe].

INV.: Quem tem uma vida que pediu a Deus?

R.: a galinha, tá? Comendo, bebendo, durmindo, do bom e do melhor, mas chegou o amigo dela, o falcão:

- tá numa boa, hein? Só comendo, bebendo e durmindo e quando ví você fingindo do dono, vocês são bem tratados e fuge do dono como o diabo foge da cruz. Eu sou ave de rapina tenho que correr atrás do que como, do que bebo e quando o patrão vem eu pulo no pulso dele, empolero, dá comidinha na boca eu aceito de maneira muito prazerosa e agradeço, deixo ele acariciar minha cabeça, enfim, dou um retorno a minha atenção, que o dono me deu, e você, quando o dono te trata tão bem e suas amigas tão fingindo dele até agora pouco.

- É que você não sabe o que a gente vê por aí. Encontra muito das minhas colegas assadas com diversos molhos.

ANEXO 4

O leão enamorado

Em tempos imemoriais, quando os animais viviam mais integrados na vida dos homens, certo leão de alta linhagem, passeando um dia pelos prados, viu uma jovem e linda pastora; observando-lhe o delicado porte, tomou-se doidamente de amores por ela e alguns dias depois foi pedi-la ao pai em casamento. Naturalmente o pai da jovem preferia um genro menos terrível; contudo, refletiu que uma recusa formal poderia acarretar graves consequências, poderia até provocar uma união clandestina, pois a moça tinha marcado inclinação por valentões de formosa cabeleira; portanto, embora a contragosto, consentiu na boda, dizendo, porém, com rara habilidade:

- Senhor, minha filha é muito delicada e frágil; sou de parecer que deveis cortar as unhas e limar um pouco as prêsas. Num momento de arroubo, poderíeis magoá-la, ao passo que fazendo esse pequeno sacrifício, poderíeis desfrutar mais tranquilamente as suas carícias, e tenho certeza de que ela vos compensará largamente a perda insignificante.

O leão, em boa fé, concordou plenamente. Mandou aparar as unhas e limar os dentes. Vendo-o assim inofensivo, ataçam-lhe uns cães e ele não pôde defender-se, acabou sendo despedaçado.

"O amor e a prudência não foram feitos um para o outro; diminuí a prudência à medida que cresce o amor"